ARLEQUIM
NOVEMBRO
DE 1927
DIA 17
Nº 2

BREVEMENTE
A CASA
MAIS LUXUOSA
DE S. PAULO
A Capital

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.º andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE CENTRAL 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno . 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$000

GERENTE

Americo R. Netto

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, RODRIGUES DE ABREU, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Temos que agradecer cordialmente á imprensa desta capital e do interior as lisongeiras referencias ao nosso apparecimento, acolhida expressa em termos que nos penhoraram e sensibilizaram. Deixamos de citar nominalmente os nossos collegas que nos saudaram e de transcrever-lhes as notas, pois que são muitas e o espaço não o é.

* * *

Agradecimento especial sentimo-nos na obrigação de o fazer á Sociedade Anonyma « O Malho », proprietaria das conhecidas revistas « A Illustração Brasileira », « Para Todos » e « O Malho », onde pontificam o talento de Alvaro Moreyra, o creador do « Theatro de Brinquedo » .. e o lapis magico de J. Carlos.

Possuia a Sociedade a exclusividade do titulo « Arlequim » para todo o Brasil. Quando esse facto veio ao nosso conhecimento, já a nossa revista estava no prélo e a retirada do nome importava em despesas não pequenas. Procurámos, portanto, obter a cessão do titulo. Os srs. Pimenta de Mello e Agnello de Souza e Silva, directores da Sociedade Anonyma « O Malho », com uma gentileza de fidalgos, não tiveram a minima vacillação em attender ao nosso pedido, pondo-nos immediatamente á vontade nessa desagradavel situação. Não queremos que o publico ignore esse gesto de desprendimento commercial e de solidariedade jornalistica, ao mesmo tempo que consignamos á Sociedade « O Malho » a expressão de nosso reconhecimento.

COISAS FINAS PARA SENHORES
PRAÇAS
PATRIARCHA, 135
ANTONIO PRADO, 7

O sombrio Eduardo

DE JACQUES DEVAL

TRADUCÇÃO DE MERCADO JUNIOR

ROGER LASSERRE — 30 annos
JÉROME BOUDRIOT— 32 annos
EDUARDO DUBREUIL—40 annos

Paris — Casa de Roger

JÉRÔME—Você já se mudou outra vez, Roger?

ROGER—Decerto. Era impossivel viver naquella casa. Ellas eram cinco — um verdadeiro dispensario. Aqui, ao menos...

JÉRÔME—E quando veio você para cá?

ROGER—Ha dez dias.

JÉRÔME—Aposto que trez, no minimo, já conhecem o novo endereço.

ROGER—Não as mesmas.

JÉRÔME—Se você continuar assim, nestes dez annos terão passado pelo seu coração todas as mulheres de Paris.

ROGER—Faço votos.

JÉRÔME—Don Juan!

ROGER—Um penetra!

JÉRÔME—Casanova!

ROGER—Um tratante!

JÉRÔME—Qual outro, então?

ROGER—O coronel Gerard.

JÉRÔME—O caçador de leões?

ROGER—Sim, o matador da grande fera timida e temivel, credula e astuciosa. E dizer que toda a mulher é presa facil... Depende de uma circumstancia, de uma palavra, ou de um olhar. Descobrir essa circumstancia, essa palavra, esse olhar, abalar a alma mais pura, mais subtil, ousar a luta, forjar a armadilha... Quem se arrisca nesse jogo, embora nelle perca a alma, ganha ainda.

JÉRÔME—Quantas mulheres você amou?

ROGER—Quantos livros você leu?

JÉRÔME—Difficil dizer .. mas. Mais ou menos?

ROGER—Não sei... Duzentas, duzentas e cincoenta... As que pude.

JÉRÔME—E você não as torna a ver?

ROGER—Voluntariamente, não. Porque, se a comedia é sempre outra, o scenario é sempre o mesmo.

JÉRÔME—O Coronel Gerard era mais caridoso para com os leões : matava-os.

ROGER—Ellas não me pedem tanto.

JÉRÔME—Engana-se. Pedem tanto quanto dão, e cedo ou tarde..

ROGER—(*interrompendo-o*). Então, que seja mais tarde, meu caro. Agora...

JÉRÔME—Você espera alguma?

ROGER—A pequenina sra. Dubreuil.

(*Roger veste um bello paletotde pyjama*)

JÉRÔME—A flamula de guerra...

ROGER—O estandarte antes da batalha.

JÉRÔME—Então, evacuemos o campo.

ROGER—Não, não, fique. Fizeram-me jurar que não me encontrariam só.

JÉRÔME—Primeiro encontro?

ROGER—Aqui em casa, sim. (*olhando o relogio*) Cinco e cinco.

JÉRÔME—Ella está reflectindo...

ROGER—Por isso, virá.

JERÔME—Presumpçoso. Então nunca falhou alguma?

ROGER—Eu me esqueço dos *não.* Essa, porém, virá. Tem medo do marido, mas virá.

JÉRÔME—E você não o tem?

ROGER—Nem temor nem piedade. Risco profissional, ossos do oficio.

JÉRÔME—Você conhece o sr. Dubreuil?

ROGER—Ella m'o descreveu como um monstro desconfiado. Chama-o "o sombrio Eduardo". Mas, com os maridos, você bem sabe, pouco me importo. Sou um amante organizado e consciente. Abaixo os maridos enganados! Meu mestre, Don Juan, matou dezoito. Eu espero o decimo nono (*Toque de campai-*

nha). Entre para o quarto. Eu o chamarei depois, mas você ficará comnosco uns minutos, apenas, está ouvindo?

(*Jérôme sae. Roger abre a porta, e o sr. Dubreuil entra, timidamente. Quarenta annos, mais ou menos. Não é forte, não é elegante, não é interessante*).

DUBREUIL—E' o sr. Lasserre, se não me engano.

ROGER—Perfeitamente, senhor, mas não tenho a honra.. -

DUBREUIL—Ora, pois quando se offerece a casa a pessoas pouco conhecidas, a gente se expõe a receber pessoas que não conhece.

ROGER—Seu nome, por favor.

DUBREUIL—Eu sou Eduardo Dubreuil.

ROGER—(*fingindo que não se lembra*) Dubreuil..

DUBREUIL—Se prefere, "o sombrio Eduardo".

ROGER—Ah, nesse caso, sua visita...

DUBREUIL—E' surprehendente.

ROGER—Mais do que isso.

DUBREUIL—(*placidamente*) Nesse caso, tenho assumpto para uma conversa.

ROGER—Creio que nella não poderei tomar parte.

DUBREUIL—Basta que me escute.

ROGER—(*movimento de impaciencia*).

DUBREUIL—Como era provavel que nunca nos conhecessemos, descreveram-me ao senhor como um ser perigoso, impulsivo, sanguinario. "O sombrio Eduardo"... Creio mesmo que lhe falaram da minha habilidade como espadachim. Agora, porém, o senhor bem vê que isso tudo era creancice de mulher.

ROGER—Senhor..

DUBREUIL—Conheço minha esposa. Não sou nem sanguinario, nem impulsivo, nem perigoso. Um rim deslocado veda-me qualquer esforço physico. A unica arma de fogo que possuo, dorme agora na gaveta do criado mudo. Com franqueza, a unica sensação que tenho aqui é a de certa timidez.

ROGER (*mostrando discretamente a porta*) — Mas, senhor..

DUBREUIL — Si permitte... afinal de contas, o que se passa entre nós não é muito grave. Pelo diario que minha mulher tem a optima idéa de escrever e a pessima de não saber occultal-o, ella e o senhor se encontraram ha um mez... O diario não diz onde.

ROGER—Os diarios são tão mal feitos... Digamos que foi no Louvre. Uma apresentação de amigos.

DUBREUIL—Minha mulher agradou-lhe. E' natural. E o senhor resolveu conquistal-a, sem esperar..

ROGER—Esperar o que?

DUBREUIL—Que ella ficasse viuva, por exemplo.

ROGER—Podia demorar muito.

DUBREUIL—Suas cartas são interessantes, e bem frequentes, a principio. Tanto que, pelo proprio testetemunho do "Diario", minha mulher, que me era fiel, mas vivia sem distracções, abalou-se cada vez mais com a sua insistencia.

ROGER (*apresentando a cigarreira*)—Fuma?

DUBREUIL—Obrigado. Provoca-me tosse.

ROGER—Desculpe... (*e deita fóra, machinalmente, o cigarro que fuma*).

DUBREUIL—A seguir, muito habilmente, o sr. foi espaçando a correspondencia. E minha mulher, até então segura pelos seus principios, só pensou na estranheza do seu procedimento. Inquietou-se, atormentou-se. Assim nascem as paixões. Ainda esta manhã, encontrei o borrão de uma carta, o que me decidiu a vir visital-o.

ROGER—Deixe ver (*estende a mão*).

DUBREUIL—Eu leio. (*tira do bolso um papel amarrotado*). "Roher. Queimei hontem as suas cartas. E hoje devolvo o seu presente. O sombrio Eduardo sae de Paris ás seis horas. A's sete irei ahi." Recebeu a carta?

ROGER—Naturalmente.

DUBREUIL— E' como dizia. Nada disto é muito grave. Assim como me vê, amo realmente minha mulher. E' como uma filha que tivesse.. E ella, da sua parte, tambem me ama bastante. .Sim, eu sei, eu sei. E', porêm, a primeira vez. Garanto-lhe. O diario o affirma. Ella me quer muito mais do que ao senhor. Mas succede que, agora, o sr. está mais perto da sua visão. Olhe aqui: minha mão é bem menor que aquella porta, mas si eu puzer minha mão junto aos olhos, ella ha de parecer muito maior. Póde até esconder a porta. Essa porta sou eu..

ROGER—O senhor é poeta?

DUBREUIL—Não. Industrial, puro e simples. Deixe-me dizer-lhe que para um homem e uma mulher, que nada têm de extraordinario, poderem supportar-se como realmente são, no casamento, por exemplo. isto quer dizer muito... Ha nisto uma certa belleza, até. . Só isso de dizer as ultimas palavras da noite, as primeiras da manhã, palestrar na mesa, parecendo não valer nada, ao fim de dez annos, já se tornou o pão de cada dia. Cada um de nós se misturou um pouco ao outro. Já nem se sabe mais quando este acaba e aquelle começa... O garganteado que ella tem.

ROGER—Sim, lembro-me bem.

DUBREUIL—Pois olhe. E' o meu riso. Ella o foi pegando pouco a pouco. E outras coisas mais. Levei oito annos para fazel-a gostar de alcachofras. E o geito do cabello, meio escanteado nas fontes, ha nelle um pouco de mim. E o inglez que lhe ensinei?.. Como foi divertido! Creia, precisa deixar-nos quietos..

ROGER—Mas.

DUBREUIL Bem vê, não quero intimidal-o. Desejava, apenas, lembrar-lhe uma coisa, muito facil de esquecer. E' que, quando se desencaminha uma mulher, não se colhe uma flor: arranca-se uma planta.

ROGER—Emfim..

DUBREUIL—Emfim.. Sabe que ia partir esta noite. Diz-me que posso fazel-o?

ROGER—Aqui está o horario dos trens. Consulte-o.

DUBREUIL—Muito bem. E mesmo que perdesse o trem, sempre poderia ir de automovel. Trata-se de negocio importantissimo para nós.

ROGER—Para nós?

DUBREUIL—Sim, nós. Minha mulher e eu. São duzentos mil francos que preciso salvar.

ROGER—Não demore. Parta logo.
DUBREUIL—Sem a sua promessa, não.
ROGER—Que promessa?
DUBREUIL—A de que não receberá minha mulher.
ROGER—Porque não vae com ella, então?
DUBREUIL—Não. Não quero que isto recomece. Esta visita deve ser a ultima. Peço-lhe, apenas, que responda, com tempo ainda para que eu veja chegar a carta, dizendo qualquer coisa, que acabe com isto. Diga-lhe, por exemplo, que se vae casar.
ROGER—Que horror!
DUBREUIL—Outra desculpa, então.
ROGER—Mas isto seria sempre uma burla.
DUBREUIL (*depois de ter hesitado um pouco*). Acceita um negocio?
ROGER—Acceito.
DUBREUIL—Muito bem. Aqui está um "sou".
ROGER—Como?
DUBREUIL—E' este o negocio. Esta moeda está dobrada sobre si mesma, pelo meio. Si conseguir abril-a com os dedos apenas, eu não lhe pedirei coisa alguma: nem promessa, nem moderação, nem cavalheirismo, nem nada... Engane-me, si quizer, ou se preferir, tome minha mulher de vez. E jamais saberá que effeito me fez isto, si soffri ou não..
ROGER (*ironico*) — E si eu tentasse?
DUBREUIL — Faço questão, agora. Mérignac já o tentou, sem conseguir... Mas o sr., talvez... Imagine que ha cinco mezes minha mulher teve uma inflammação no peritonio. Que coisa horrivel! Foram quatro dias e quatro noites que passei sem deixal-a um instante, mudando compressas geladas, pondo thermometro, lutando, lutando, mas debalde... No quinto dia foi preciso operal-a. Fiquei junto á sala de operações, num quarto todo pintado de branco, onde ouvia o tinido dos ferros. E gemidos... E gritos... Immovel, contendo-me desesperado, passei não sei quanto tempo. Tinha no bolso este "sou"... Pois bem. Sem querer, sem notar, quando vi, estava dobrado pelo meio... Guardei-o, como lembrança. E agora, si puder, desdobre-o. Depois, engane-me, si quizer...
(*silencio*)
ROGER (*estendendo a mão*) — Tome a moeda. Leve-a.
DUBREUIL — Obrigado. Agora posso ir.
ROGER — Não quero retel-o. (*sae Dubreuil*) (*vae até a porta e chama*): *Jerôme!*
JEROME — (*entrando*): Fui discreto?
ROGER — Não sei... que foi que ouviu?
JERÔME — A voz della, apenas. Que timbre!
ROGER — Ora, "seu" tolo... Sente-se. Tome este papel e escreva: "Minha amiguinha" — Rasgue. Veja outra follha: "Cara amiga". Não. Escreva: "Minha Senhora".

CALA, PIERROT
CANTA ARLEQUIM

Pierrot tristonho, pallido e dolente,
de olheiras roxas e de olhar profundo,
Pierrot, sentimental e vagabundo,
das noitadas de luar de antigamente,

guarda o teu bandolim... Não vês que o mundo,
depois de um romantismo decadente,
pouco a pouco, desperta suavemente,
á luz de um sol mais bello e mais fecundo?

Vae dormir, ó Pierrot, que estás cançado
das tuas longas vigilias do passado,
e á serenata langue põe um fim.

Vae dormir, ó Pierrot, que surge a aurora,
que, alegre e clara, vem cantando agora,
a voz triumphante e forte de Arlequim...

RECIFE DE CORAL

De Heredia

(Variação)

No seio de mar calmo, em mysteriosa aurora
diluida no azul da encantada bacia,
o Sol banha os coraes... Entrando o abysmo, o dia,
na agua quieta inflitrado, anima a fauna e a flora.

A extranha criação que o iodo ou o sal colora,
— anemonas e musgo e ouriços, a alga esguia —
desenha-se, esbatida em purpura sombria,
no rendilhado chão que o pólypo elabora.

Embaçando e accendendo o esmalte á fulva escama,
bordeja um grande peixe, entre a enlaçada rama,
lentamente movendo a serpejante espalda...

Subito, de arrancada, aviva a marcha sorna:
e na tona cerulea, entorpecida e morna,
corisca um tremor de ouro e nacar e esmeralda.

THEOPHILO BARBOSA

O TEMPLO

Conto de ZAMIATIN, traducção de E. Barretô

Iván resolveu construir um templo. Mas um templo tão magnifico que fizesse enraivecer todos os demonios, que fizesse celebre em todo o mundo o nome de Iván.

E' claro que edificar um templo não é o mesmo que construir uma cabana... E' preciso muito dinheiro.

Estava anoitecendo quando Iván se escondeu no barranco, debaixo da ponte.

Passou uma hora, passou outra hora... Um ruido de cascos; uma troika que roda sobre a ponte... O viajante é um commerciante rico.

Iván solta um estridente assobio; o cavallo se espanta; o cocheiro cae por terra; o commerciante está tremendo, tiritando de medo, encolhido dentro da troika.

Iván se desfaz do cocheiro e dirige-se para o commerciante.

— Venha esse dinheiro!

O commerciante jura e perjura:

— Que dinheiro? Não tenho!

— Vá, não te faças de bobo! Se é para um templo! Quero construir um templo! Venha esse dinheiro!,

Torna a jurar e perjurar o commerciante:

— Eu mesmo o construirei!

— Tu, tu vaes construil-o? Bem, então verás....

Ivan accende uma fogueira ao pé de uma arvore, pendura em um galho o commerciante, faz o signal da cruz e começa a queimar-lhe os calcanhares.

O commerciante não póde resistir e conta onde está o dinheiro. São cem mil rublos que estão dentro de um bota e outros cem mil na outra.

Ivan ajoelha-se e exclama:

— Louvado seja Deus! Agora, sim, poderei construir teu templo!

E jogou terra sobre a fogueira. O fogo se apagou, mas o commerciante gemeu uns instantes, encolheu as pernas e entregou a alma a Deus.

Que se poderia fazer? Era para maior gloria do Senhor!

Iván sepultou o commerciante e o cocheiro. Rezou um responso pelo descanso de suas almas e encaminhou-se para a cidade. Tinha de contratar pedreiros, carpinteiros, pintores, decoradores... E naquelle mesmo logar onde estavam sepultados o commerciante e o cocheiro, alli edificou Iván um templo mais alto que o de Iván Neliky — a antiga egreja de Moscou, cujo campanario attingia as nuvens. — As cruzes tambem roçavam as nuvens; as cupulas estavam pintadas de azul com estrellas; os sinos tangiam muito doce... Oh! que templo!

Espalhou Iván por toda parte:

— O templo está acabado! Venham todos vel-o.

E acudiu uma multidão immensa. O proprio arcebispo acudiu na sua carruagem dourada, acompanhado de quarenta popes e de mil e seiscentos diáconos.

Apenas se tinha iniciado o officio, o arcebispo faz um signal a Iván para que se aproxime:

— De onde sáe este cheiro tão desagradavel? Vá dizer a essas velhinhas que estão na morada do Senhor e não em suas casas.

Foi Iván dar o recado ás velhinhas e ellas sahiram do templo.

Mas o cheiro não desapparecia. O arcebispo fez um signal aos popes e os quarenta popes começaram a mover os incensarios.

— Mas, que é isto? Não adianta nada!

E, então, o arcebispo fez o mesmo signal aos diáconos. Então, estes moveram tambem seus mil e seiscentos incensarios. Mas, debalde. O cheiro é mais intenso. Já não se póde respirar. Já se percebe que não cheira a velhinhas, senão a cadaveres.

E é tão forte o cheiro, que é impossivel supportal-o. Todos encaminham-se para a porta. Os diáconos e os popes desapparecem, andando de costas... Só o arcebispo permanece no centro da egreja e, diante do arcebispo, Iván. Iván, mais morto que vivo.

O arcebispo lança-lhe um olhar penetrante que lhe atravessa o coração, e sáe sem dizer uma palavra.

E alli ficou Iván, sozinho no seu templo. Todos fugiram, ninguem pôde resistir ao cheiro dos cadaveres.

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I 17 DE NOVEMBRO DE 1927 N. 2

REVISTAS

Ora, vão vocês deitar a sua revista!.

Ia dizer que é preciso ter coragem, nesta epoca, para se abalançar a semelhante empresa. Anda o mercado das revistas tão atravancado, que já não haverá agudezas sufficientes para ahi furar, e grangear, não digo loiros, mas os nickeis perversamente indispensaveis para a mantença do fogo sagrado, já da redacção, já, e principalmente, da typographia...

Porque deve haver alguma fada ruim, que systematicamente persegue tudo que com cara de revista apparece cá por S. Paulo.

Já fizeram vocês uma estatistica das publicações illustradas que por ahi têm surgido nestes vinte annos mais chegados, e que não lograram dar a lume senão aquelles dois ou tres ou quatro primeiros numeros, após o que começam a mirrar e acabam sumindo de vez? Já trataram de investigar as razões de tão singular phenomeno?

Provavelmente não fizeram nada disso; pretendem apenas lançar a "sua" revista, e fazem muito bem. Todos nós contrahimos, com as primeiras letras, o sarampo revistifero. Todos nós, quero dizer, todos os que na infancia soffreram aquelle maleficente desvio da razão, que impelle um homem, em nossa terra, ás letras. Não ha rapazola fazedor de versos, medidos, á antiga, ou desabotôados, á moderna, que não tenha, em projecto, a sua revista.

— "Ah! quando eu fizer a minha revista!. ."

Essa "minha revista" é assim uma especie de leicenço em estado potencial, que lateja em todo cerebro juvenil contaminado de literatura. Mais dia, menos dia, lá suppura o freimão, vêm as dôres agudas do partejamento, e afinal o carnegão, isto é, a revista surge fóra. E é um allivio, de veras. O rapaz perde uns cobres com a typographia, e uns enthusiasmos, com a publicidade, mas lava a alma, sacode a mente, e vae fazer outra coisa, já completamente restabelecido e lépido. Emquanto não surgir uma vaccina preventiva da coqueluche, das brotoejas, da catapora e outras pirralhescas florescencias, não surgirá tambem provavelmente o especifico anti-revistico.

Por isso não maldigo da sua resolução de armarem afinal vocês a sua, nem censuro a candida certeza com que repetem o obrigatorio estribilho:

— Não, a nossa não é uma revista como as outras; a nossa tem que vencer...

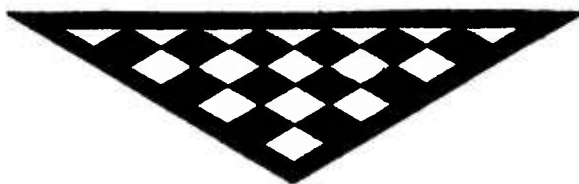
Pois, se vocês immaginassem o contrario, a não fariam, e estariam para o resto da vida com o virus revisteiro esparramado nas veias, com grave damno dos seus metabolismos, que é como hoje se chama, em medicina, á vida.

Façam-na, portanto; façam-na toda garrida e taful, que é um excellente depurativo que estão tomando. E quando cada um de vocês estiver com a sua vesicula para sempre esvasiada, ha de ver como é bom sentir-se a gente desafogada de tão premente e dolorida superfetação.

* * *

E se o "Arlequim" furar e vencer, ao revez do costume? Então, é que tudo isto não passa de resaibos de quem lhe não vingou a sua. Muita grave doutrina pelo mundo vae, que não tem origem mais alta...

LÉO VAZ

TYP. IRMÃOS FERRAZ • S. PAULO

MASCARA DE COLOMBINA

Nascendo...

Quinta feira. Dia 10. "Arlequim" está na rua desde ás quatro horas da manhan. Chovia sobre a cidade uma garôa fininha e implicante quando elle sahiu, rua Vergueiro a fóra, dentro de um caminhão muito grande.

São Paulo dormia, ainda. Apenas um ou outro noctivago passeava, esperando a madrugada, que tardava a chegar.

***

Eramos um punhado de moços dentro na typographia.

Olhos encovados nas olheiras, cabello em desalinho, gestos inquietos e nervosos, Americo Netto folheava e tornava a folhear uma revista, pagina atraz pagina, detendo-se em cada uma, esmiuçando-as, procurando defeitos, insatisfeito sempre.

— "Está esplendida, Netto", aventura o Mercado, meio com somno, pouco habituado a noitadas bohemias.

— "O segundo numero sahirá melhor, muito melhor".

Sud sorri, o nariz grande e ponteagudo espetado no queixo:

— "E o terceiro ha de supplantar o segundo..."

As grampadoras trabalham. Dois mocinhos, muito mais dormindo do que acordados, abraçam dezenas de exemplares de cada vez, levando-os para as cortadoras, que os aparam, em seguida.

— "Já foi feita a remessa para Piracicaba?"

E' o Galvão Cerquinho quem fala. Testa larga, grandes entradas, cachimbo no canto na boca, anda devagar de um lado para outro, pedindo pressa, muita pressa. Não tira os olhos do relogio, cujos ponteiros caminham vertiginosamente.

— "Todos os numeros que devem seguir pela Sorocabana já estão empacotados".

E o Horacio, a physionomia sempre aberta numa alegria bôa, incansavel, continúa a dobrar revistas e a empacotar e a sellar revistas.

Ao seu lado, o Julio Barreto as vae separando, conforme os trens em que devem seguir para o interior.

São trez horas da manhan. Está quasi tudo terminado. No escriptorio em que trabalhamos ha nuvens cinzentas de fumaça. O chão está todo pontilhado de cigarros. De quando em quando, um de nós esguicha os olhos para o barril de chopp, vazio como a noite.

Quatro horas da manhan. O vendedor entra pela typographia a dentro, pedindo exemplares para fazer a distribuição.

Leva trez mil, contadinhos, divididos em maços de cincoenta.

Instinctivamente, sem dizer palavra, seguimos todos atraz delle.

"Arlequim" vae para a rua, pela primeira vez...

Amanhece. Não ha mais estrellas no ceo. Uns quartos de hora mais, e o sol, como um bohemio extravagante e exotico, mostrará a sua cara vermelha nos confins do horizonte.

Um pouco mais, ainda, e "Arlequim" estará, com certeza, onde sempre elle desejou ficar:— nas mãos de uma mulher bonita...

MAURICIO

CANÇÃO

VALERIO VARGAS

Chove, e na vidraça do meu quarto a chuva balbucia, baixinho, uma canção. E brandamente o vento, a sussurrar cantigas, desfolha, no jardim, as rosas mais bonitas que tinham os rosaes.

"Escuta, meu amor. Eu quero que tu cantes o cantico mais lindo que a vida te ensinou. E te ouvindo cantar, em fique sem saber, se está cantando o vento, ou se quem canta és tú.

Escuta, meu amor. Eu sei que já sentiste o gosto de outras boccas. Mas isso não me importa, que para mim guardaste o carinho melhor que o teu amor já fez, e o poema mais subtil que o teu genio creou.

Escuta, meu amor. Murmura-me ao ouvido umas phrases banaes, que quero ouvir de ti: repete que sou linda, que serás sempre meu, só meu, meu só...

Escuta, meu amor. Eu serei sempre tua. No roseiral da vida, eu quero ser a rosa, e o vento serás tu"!

Chove, e na vidraça do meu quarto a chuva balbucia, baixinho, uma canção. E brandamente, o vento, a sussurrar cantigas, desfolha no jardim as rosas mais bonitas que tinham os rosaes.

Estendo os braços...

"Eu quero que tu cantes o cantico mais lindo que a vida te ensinou..."

...e ponho-me a cantar...

"e te ouvindo cantar eu fique sem saber, se está cantando o vento, ou se quem canta és tu."

...e te procuro ansioso...

"Eu serei sempre tua. No roseiral da vida, eu quero ser a rosa e o vento serás tu!"

...e não te encontro mais e não te encontro mais...

Sra. Bebeth Maragliano Cardoso

ARLEQUIM

O BAILE DO HARMONIA

No Trianon. Baile do Harmonia. Sabbado, 12.

— Você está linda, Lucia R. Dos seus cabellos côr de oiro e do seu vestido amarello, eu poderia dizer, como "Cyrano" á "Roxana", que depois de olhal-os, uma vez apenas, "vejo, em tudo o que vejo, aquellas manchas loiras"...

— E você, Lourdes C. Z., você de olhos tão vivos, de olhar tão claro, que eu, depois de conversar com você, olhando você nos olhos, quando seu olhar me deixou, achei tudo escuro, notei que meus olhos estavam cançados por terem querido acompanhar os movimentos dos seus. O seu olhar...os seus olhos. Nunca vi tanta luz dentro tanta treva. Você estava de azul, Lourdes, e você sabe que azul quer dizer paixão...

— E você, e você ..Quantas mais passaram por mim, numa graça cambiante, em rythmos variados, deixando, no meu olhar, o desespero de não as poder ver, todas, ao mesmo tempo. Cada nova graça que vinha, fazia o meu olhar de Arlequim esquecer a passada...Depois, as que já tinham passado e voltavam, a loucura de sons de jaz-bánd em meu ouvido, o deslumbramento passageiro e repetido da multiplicidade colorida e encantadora de rostos e de vestidos...

Passou, dansando, um par. Ella, loira, de um loiro fosco, toda de branco como uma noiva.

Na belleza de um contraste, Elle, todo de preto — smoking elegante e sobrio.

Que ternura nos olhos e nos gestos d'Ella, que meiguice no olhar e na postura d'Elle...

Ella toda sorrizos, quasi ruborizada para com Elle. Elle todo cuidados e galanteios para com Ella.

Colombina e Pierrot...

Que inveja para Arlequim! Sim, ás vezes acontece a Arlequim invejar Pierrot. Com uma tal Colombina...

..."em seu corpo perpassa, na belleza do rytmo, a leveza da graça..."

Arlequim precisava escrever sobre elles. Então resolveu chamal-os, a Ella - X, a elle - Y. Vendo-o seguil-a por toda a parte, Arlequim achou o nome bem posto. No abecedario o Y segue sempre o X.

X. Y... Algebra... Uma equação algebrica, do primeiro grau, a duas incognitas.

Que representara X? Que representará Y?

Arlequim, maniaco por mathematica amorosa, esqueceu tudo para só tentar resolver, mentalmente, a equação. Nunca se lhe deparara problema assim difficil.

Meia noite...Meia hora...Uma... Uma e meia...Uma e trez quartos... Salada.

Até então, Arlequim so tinha achado isto: x+y=casamento. E Arlequim ficou triste. Uma historia tão linda, terminava assim...

Passou um amigo de Arlequim.

— "Diga-me uma cousa. Quem são aquelles dois?

E o amigo, na linguagem pittoresca dos salões de hoje...

— "Ella é....., dois mil contos, 4 automoveiros, etc, etc.

Elle, um que tenta...a sorte.

Então Arlequim resolveu a equação. x+y=casamento. x—y=uma grande desillusão num coraçãozinho feminino de 18 annos. y—x="era uma vez, um casamento rico para um moço pobre. x=amor, y=interesse.

E Arlequim que tivera inveja delles!

E Arlequim que não fizera a critica da festa!...

ARLEQUIM

A festa inaugural da "Sociedade Jahú"

A' sahida da missa de Santa Cecilia

Névoa...

Vejo-te, em sonho, coração
exangue
tu, que jorravas sangue
ardente, como as lavas de um vulcão...

Vejo-te, agora, numa lage fria...
inerte, indifferente,
tu, que pulsavas sempre, ininterruptamente...

Onde a tua bondade?
onde as paixões, que te inflammavam tanto?
e a tua incorrigivel fantasia?
onde o teu ideal
immaculado, branco?

Tudo se foi, como o fumo nos ares,
na systole final
do derradeiro arranco!

Rio, 1927

Mario L. de Castro

O grupo das lindas tocadoras do chá de beneficencia, do qual Yvonne Daumerie é a figura central.

CHÁ BENEFICENTE — Em beneficio da egreja da Immaculada Conceição e escola annexa para creanças pobres. Linda iniciativa, principalmente quando á sua frente está um punhado de moças elegantes e bonitas. Sim, porque é muito mais agradavel a gente fazer caridade ouvindo uma vozinha linda e sentindo dois olhos grandes e molhados, que nos pedem uma migalhasinha para creanças opbres, do que dar nas proprias mãos da miseria, que são feias e são tristes.

Peccado? Stecchetti o peccou ha muito tempo, e muita gente o commette cada dia. E depois, é um peccado gostoso. Que o digam todas as pessoas finas de São Paulo e que já foram ao chá beneficente, que se realiza diariamente no elegante palacete da rua Consolação, esquina da rua São Luiz.

Ha, alli, uma porção de moças da nossa mais fina sociedade. Estão vestidas de azul, com aventaesinhos brancos. São todas bonitas, muito bonitas. A gente entra, e ellas vêm servir a gente. Perguntam o que se deseja tomar. E trazem sorvetes e doces e licores, e os sorvetes e os doces e os licores ficam muito mais gostosos servidos por ellas.

Ha musica, tambem. Violão, cavaquinho, guitarra, sanfona, piano.

Yvonne Daumerie vae lá quasi todas as noites. E, ouvindo as toadas bonitas que ella canta, a gente sente uma vontade louca de nunca mais sahir de lá.

Domingo, o programma esteve maravilhoso. Principalmente, no salão de baixo, onde um grupo de rapazes e senhoritas, vestidos como os nossos caipiras, empunhando cavaquinhos e violões, tocou durante horas a fio uma serie de sambas e tanguinhos cada um mais provocante do que o outro.

A senhorita Mondi Pereira foi, com certeza, o "ai Jesus!" da festa. Bibelot encantado, tem na cabeça um sol desfeito em fios de cabellos loiros, Olhinhos pequeninos e rasgados, ellas sabe melhor do que ninguem tornal-os expressivos, quando canta. Quando o seu companheiro de "duo" pedia: "Volta, eu te quero, ainda..." ella os fechava muito e elles ficavam mais pequeninos, ainda..

Lindas as noites no palacete da Consolação.

E' preciso mesmo que essas festas de elegancia se repitam em São Paulo, cada vez mais frequentes. Por causa dos pobres, que precisam de pão. Por nossa causa, que precisamos de espirito.

As senhoritas que servem o chá beneficente da Consolação.

O dr. René Thiollier e o casal Chaby Pinheiro e Jesuina, os grandes artistas da scena, no chá da Casa Allemã

Na praia de Copacabana, no Rio.

Que pena o mar não chegar até S. Paulo!

Neste bello modelo de "toilette" a riqueza do material — velludo — dispensa qualquer excesso de atavios. E' a simplicidade requintada ao extremo.

HISTORIA DA CAROCHINHA

de JULIO TINTON

— Vovózinha, conte a historia,
aquella historia bonita
que você me prometteu.

Ella contava:
"O gigante Mãoforte"
"A bruxa que morreu afogada na taça".
"A corôa de ferro de Balão-Balim"
Depois
Sempre aquelle mesmo fim
que já não tinha graça:
"E os dois
foram felizes até a morte."
— Ah, vovózinha, assim fico de mal.
Você me arranja um fim que é sempre igual.

— Deus me perdôe, vovó,
pelo netinho mau que eu era.
Quem me dera
ter hoje o mesmo fim na minha historia.

(Do livro a sahir "Arco-Iris")

PUNHAES — De Franz Toussant — O que rebrilha sob o sol glorioso das batalhas.
O que traz o assassino impregnado de sangue.
E o teu olhar !

O GALLO

Conto do escriptor russo Zamiatin
Trad de E. Barreto

Não ha no mundo sêr mais intelligente que "Perico". Passa todo o tempo meditando. Incha a papada... E' que pensa.

A papada de "Perico" é vermelha. "Perico" é de raça estrangeira. E a mulher de "Perico" chama-se "Annita" "Annita" é toda pintada. Casaram-se ha dois mezes. E quando a herva começou a despontar, "Annita" ficou choca.

"Annita' deixa de cacarejar. Anda gemendo, queixando-se. Ficou com o corpo muito cheio... E "Perico", sobre um pé só, medita:

— Eis aqui uns ovos. Um dia, não longinquo, destes ovos sahirá um tropel de pintainhos de pennugem amarella, como os grãos de milho.

Tudo isto é muito divertido. A pintada "Annita" continua na sua faina. Chóca em um cesto.

Passa uma semana, passa outra. "Annita" está cansada, esgotada. Não come nem bebe. Não se move do cesto. Não abandona os ovos. "Perico" perde a paciencia.

— Eh! que tal vae isso?

"Annita" fica toda corada.

— Como vês – responde – Creio que tudo vae bem. Ainda não lhes cresceu a penna... Temos que esperar outra semana.

— Uma semana? Mas isso não acaba nunca! Que desageitadas sois vós, as mulheres!

Não ha em todo o mundo sêr mais intelligente que "Perico". Sempre está meditando. Encolhe uma perna e pensa.

Por fim, decide:

— Não ha duvida: as mulheres são teimosas... Não se deve attendel-as. Com ellas precisamos ser energicos.

Aproxima-se de "Annita" e pisca um olho. "Perico" é muito astuto. E' preciso muita cautela com elle.

— Olha, "Annita", vae já beber, refrescar-te. Na tina ha agua fresca. Enquanto isso eu cuidarei dos ovos.

Um quartetto nas corridas da Mooca

"Annita" vae beber e "Perico" se põe no cesto. Crac! Um ovo. Crac! Outro ovo. Crac! O terceiro. Os pintinhos estão alli quentinhos, respiram. Respiram de verdade. "Perico" regosija-se ao vel-os.

— Vamos tirar os pintinhos da casca!

Tirou muitos; mas os pintinhos são horrendos, estão nuzinhos, viscosos, escorregadiços, com o pescoço pegado ao fundo do ovo. "Perico" começa a despegal-os... Os pintinhos ficam com as entranhas á mostra e "Perico" procura mettel-os de novo na casca... Mas já não entram.

Afasta-se. Dá um salto para trás. Empallidece a sua vermelha papada. Abre o bico e fica contemplando, absorto, as cascas partidas. De uma dellas pende uma cabecinha amarella, de pescoço comprido, muito fino. A cabecinha não respira.

"Perico" bate as azas. Apressa-se em bandear-se para a outra extremidade do gallinheiro antes que regresse "Annita"

Já se sabe o que são as mulheres. Se a a gente se descuida, são capazes de nos arrancar os olhos.

Ainda um aspecto do baile do Trianon, em beneficio da Maternidade.

A' hora do chá, na Casa Mappin. A objectiva curiosa de "Arlequim" fixou, um momento, o brilho inquietante e movente de alguns olhos buliçosos.

Alguns senhores que no chá da Mappin esquecem a seriedade trepidante desta Paulicéa tão negocista.

No chá da Mappin essas patricias se absorvem em longas comtemplações, esquecendo o chá que é o pretexto universal para as elegancias vespertinas.

Na exposição de café, uma herdeira de Mello Palheta veste-se de grão. E', mesmo, uma bellezinha em grão.

Crime

Eu matei...

Era a criatura mais bella do mundo.

Eu matei friamente, conscientemente
— pouco a pouco e devagar.

Foi nos olhos que primeiro lhe apaguei
os jórros luminosos,
por onde a alma sahia e me chamava.

Em sua garganta fiz emmudecer
as notas crystallinas com que ella me envolvia
numa amphora de sons.

Eu matei.

Despetalando, dedo a dedo,
os lyrios desiguaes das suas mãos,
fui, depois, sabiamente desfibrando
as hastes expressivas dos seus braços.

Agora nunca mais
ella andará no seu rythmo elastico de garça,
porque as pernas lhe partí.

A fusão de curvas do seu corpo
reduzi a angulos e rectas tão desencontradas
que dellas nem me lembro.

Eu matei!

Eu destruí e dispersei, pedaço por pedaço,
o ente magnifico que amei.

E, depois de muito tempo,
exultei desesperado,
porque delle não me restava mais nada.

Nada. E nada.

Era a criatura mais bella do mundo.

Eu matei porque quiz. Eu podia matar.
Era minha e morreu. Só dentro de mim é que vibrava e floría,
porque foi em mim que nasceu,
na festa criadora
da minha imaginação.

Americo R. Netto

VENTANIA

MEU CARO AMIGO

Sua filha morreu hoje. Sim, aquella linda boneca que você, á guisa de presente, me trouxe no dia de meu anniversario, cuidadosamente embrulhada num pedaço de jornal. Lembra-se? Pois a pobresinha, impellida por mão criminosa, projectou-se de grande altura ao solo. E sabe quem foi o assassino? — O vento, meu caro, este malsinado vento de S. João, com a cumplicidade de Pierrot e Colombina, aquelles intrusos estampados no "reps" da estante em cujo cimo imperava minha rica boneca de cabellos de fogo e olhar profundo.

Nunca a innocente poderia imaginar que sob seus pés se desenrolassem scenas de tal sabor amoroso, nunca, porque minha boneca era intellectual, excellente bibliothecaria e muito ciosa da collecção que eu lhe confiára. Pois calcule que a ventania de seu santo protector chegou até aqui, veiu quebrar o socego desta pobre menina de parcas vestes e basta cabelleira arrepiada. Veiu (indiscreto!) mostrar-lhe como, sem o saber nem querer, protegia o parzinho feliz de namorados que igualmente residia na estante. Sempre alheios ás altas cogitações scientificas e philosophicas, sempre distrahidos dos problemas sociaes e politicos, sempre voltados para seu proprio Eu (egoistas namorados!) Colombina e Pierrot jamais se constrangeram de "perturbar o silencio da que vivia só..."

Mas o vento entrou irreverente, violento, rodopiando, assoviando e. zás! levantou o panno de bocca da estante e apresentou aos olhos serenos daquella virgem de barro—imagine o que! o escandaloso, o profano beijo do sonso Pierrot e da ardilosa Colombina.

A ingenua boneca, tonta de susto, corada, espavorida, mais arrepiada que nunca, curiosa como toda mulher intelligente, quiz ver melhor: abeirou-se da estante, espiou para baixo e... O resto você já sabe. Voltei-me apressada ao ruido. Fui encontral-a sob a secretaria, agonizante. Diagnostico: fractura de base, contusões generalizadas pelo corpo. Poucos minutos mais e expirava meu fetiche tão querido! CONSUMMATUM EST!

Com ella morreu tambem sua affeição por mim, pelo menos assim o posso julgar. Ha uma semana escrevi a primeira carta. Até agora porém, nem signal de resposta. Asseguro-lhe: si me não responder, nunca mais verá uma linha da minha Remington. Não encontrará, por acaso, tempo para avisar aos amigos si existe? E ainda tem a petulancia de asseverar que eu é que preciso entrar em accordo com o Morize para augmentar as horas do dia!

Adeus, ingrato. Praza aos céos que você me não encontre, de volta, si é que ainda pretende voltar, no estado em que se acha hoje a infeliz boneca, filha dilecta de um tempo que passou e não tornará mais...

Maria José Fernandez

LIVROS...

Depois que Darwin accelerou o pensamento do mundo e depois, principalmente, desse estouro de preconceitos e velharias que foi a grande guerra, os livros conquistaram um logar novo na vida do homem.

Na vida do homem commum, notadamente. Perderam, é certo, o seu prestigio de raridade e afastamento, mas ganharam uma intimidade cada vez maior e mais assidua no viver de toda-a-gente. Deixaram de ser privilegio de artistas e literatos, apparecendo nas nossas casas, nos nossos moveis, espalhando-se por toda a parte, ganhando todos os recantos do lar. Antigamente isolados em armarios de vidro, hirtos e seccos nas suas encadernações de couro, ou simplesmente entalados nas suas cartonagens tristes, os livros vestem agora capas ligeiras e vistosas. Riem numa polychromia bataclanica, estufando-se macios na leve fofice do papel "bouffant". Fizeram-se flexiveis, proprios para se insinuar por entre a elasticidade das almofadas, tornaram-se artificiosamente simples para melhor apparecerem na brandura das luzes veladas.

Ha poucos annos, ainda, só chegavam até as mesas, para logo voltarem ao enfileiramento rigido das prateleiras. Agora desertaram as estantes e misturam-se em idyllios com as revistas de moda, ouvindo a victrola, o radio, o telephone. Escapam-se de vez em quando para um passeio de automovel. Chegam até o proprio leito, onde se escondem e ficam, querendo um calor de corpo humano. Ás vezes, mesmo, acham geito de se aninhar indiscretamente num quarto de banhos. Ou acamam-se, então, languidamente, num tampo de penteadeira, entre vidros de perfume e resquicios de pó-de-arroz.

São novos socios nossos, de todos os instantes, em todos os logares. Vêm comnosco no bonde, cumplices de muito "flirt" esboçado ao rythmo Z-bemól que as rodas raspam nos trilhos. Fazem-se companheiros attentos nas longas viagens de trem. E, de quando em quando, vão ao theatro, para que passe depressa o tempo de um intervallo.

Querendo guardal-os, criamos para elles logares que valem ninhos. São os divans-estantes, as mesas-bibliothecas, os tamboretes-prateleiras, toda uma serie de moveis recentes, onde ainda procuramos reatar a velha tradição dos livros em ordem. Elles, porém, revoltam-se desordenados, possuidos de uma mobilidade inquieta, querendo passear pela casa, sair á rua, fazer viagem. E não contentes com isto, são elles mesmos que nos fazem beber, na sua leitura, o filtro da curiosidade e do descontentamento, instigando-nos a querer, a procurar sempre, como o velho Orellana, encontrar e ver "algo de nuevo"...

Espirito da epoca. Culpa dos livros...

Palavras que ella esqueceu

DE CIUME

Sonhei, a noite passada, que me havias trahido: surprehendi-te a escrever outro nome de mulher, num enveloppe verde, que trescalava fortemente a Coty.

Quando acordei, já tarde, encontrei á minha cabeceira a tua carta, dentro de um enveloppe egual, da mesma cor e com o mesmo perfume, que é o teu perfume predilecto.

Será que pensas noutra mulher quando me escreves?

Os poetas. .Onde foste descobrir aquelles cabellos loiros, que não possuo? A tua arte é diabolica. Dir-se-ia que ha agua oxigenada nos teus versos...Os meus cabellos negros não poderiam suggerir-te aquella imagem, que naturalmente creaste sem pensar em mim. Si eu tivesse os cabellos loiros...ainda podias enganar-me. Não é a minha, mas a tua cabeça, que está mudada.

Ha dias em que soffro terrivelmente o teu passado. Comprehendes... Tinha vontade de ser de alguem que não tivesse um passado, de alguem que fosse apenas o dia de hoje, todo o presente, sem passado nem futuro.

Estes dois abysmos me atemorisam. Sobretudo o primeiro, apezar de estar distante, ou por isto mesmo. Só o que está distante é que me mette medo: o passado, a altura das montanhas, o ceu. O presente é que é a felicidade verdadeira. O futuro é o instante que o segue. Que importa, depois que te conheço?

O doloroso para mim é o que ficou atraz da minha sombra, outras sombras que estão talvez dormindo nos teus olhos, outros beijos, que ainda phosphoreiam, talvez, na tua saudade.

Toda a mulher quando beija, pela primeira vez, o seu amado, faz instinctivamente esta triste pergunta:

— Qual o meu numero?

O numero de uma bocca é o numero dos beijos que foram dados até chegar a nossa vez. O beijo numero 1 nunca pertence á mulher que ama.

CORRÊA JUNIOR

INSACIAVEL

Como hei de responder á tua carta? Ora, o que me estava reservado! que é isso? Versos; tantos versos! Desconfio sempre da sinceridade de cartas muito literarias. Quem diz com palavras dos outros, parece que sente por conta alheia. Em todo o caso escolhestes bem as com que começas;

Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida...Eu te amo!
— Paira longe no ceu,, desdenhosa rainha..
Que importa? O tempo é vasto e tu, bem-que eu reclamo,
Um dia serás minha!".

Bom seria parar aqui. Melhor é que eu me deixasse ficar nas primicias da tua carta, que, hoje, são optimas.

Que boa surpresa! Até que me mandavas uma nota animadora! Até que te libertavas da analyse, que só exacerba mais e mais a crua desesperança do teu desesperado amor.

Desesperança... Desesperado.. Quanta cousa tragica! Se de outro m'as contassem, eu não lhes daria o minimo credito. O caso, porém, é comtigo, meu grande doido. E's tão pessimista Assim nunca serás feliz. A regra da felicidade é — nem muito ao mar, nem muito á terra.

Não penses que., mais uma vez, deixasse eu de ser sacudida por forte abalo ao abrir a tua carta. Culpa tua, culpa dos teus bilhetes, dos gritos vibrantes de revolta de quem sente que a vida falhou.

Falhou? Será que nos tempos que correm a vida falhe por questões de amor? Será que a vida falhe porque se não possuá a quem se ama? Será que ainda haja amor absorvente, paixão, loucura do gráu da que pintas?

E's um grande sentimental, não pareces deste tempo de aeroplanos, automoveis e feministas. Palavra que tambem não sei a qual pertences.

Donde vieste? Donde vieste com tanta cousa nova?

Nova? Estou eu tambem a delirar. Mal que péga. Já o Machado de Assis dizia que o nosso erro é crer que inventamos, quando continuamos ou simplesmente copiamos.

Eu tambem sei, de ouvir e ler, que o amor é a mais velha das invenções com roupagens ao gosto moderno. Isso quer dizer que o eterno Cupido renasce em cada mortal, e cresce e vive e sente atravez dos temperamentos, conforme a moda. A's vezes traz felicidade; tambem algumas vezes estragos!...

Mas eu fiquei animada com a tua pequenina esperança. Tu me amas e eu te amo. Amamo-nos. Não pensemos noutra coisa.

Já que estás mais calmo, apega-te á doce esperança. Esposa-a, amplia-a, modifica-a, para melhor, sempre para melhor. Aperfeiçoa-a quanto puderes, e deixa-te de perfeições absolutamente perfeitas. Teu mal é não te contentares com o que pode ser. Só queres a vida a teu molde, e não dás com a necessidade de te fazeres ao geito della. Ah! o teu radicalismo...

Erro? Acerto?

Vês? Já é a duvida. Já começo a soletrar a tua cartilha. Queira Deus que desse contagio espiritual o meu desanimo não seja maior que o teu e me não advenham peiores consequencias, o que é assás natural, porque sou mulher.

Querido, abandona esse anseio pelo excesso de perfeição. Vive a vida naturalmente. Recalca os grandes vôos da imaginação, recalca a idéa fixa do absolutamente, do soberanamente bello. Essa exageração é doentia. O bello como o queres, é delirio. Pára! Pára, pelo amor de Deus. Deixa a mania do apuro exacerbado da belleza, mania que me apavora, que me dá arrepios de febre e, por vezes, a sensação de que ensandeci. Vive para o momento presente. Vive a pensar que "o tempo é vasto", e que um dia serei tua! Isso sim. Isso sim. Fecha os olhos. Esquece as torturas, e sonha um sonho bom.

As primicias da tua carta deram-me certa alegria, transmittiram-me confiança na tua cura, prometteram-me treguas. Mas, ai de mim! continuei a leitura e lá te encontrei ás voltas com o amargor latente, insidioso, insistente. Ainda versos. Transcreves Boufflers:

"Ah! si je vous suis cher, soyez plus inhumaine,
Laissez á mon amour le charme des desirs;
Pour le faire durer, faites durer sa peine!
Je ne vous reponds pas qu'il survive aux plaisirs".

Arranjas, porém, um terceiro motivo de soffrimento: o primeiro poeta joga com a intensidade da paixão, o segundo com a duração, e tu, o terceiro, pensas na excepção, porque, dizes: "é da contingencia humana que as duas cousas não andem juntas, senão excepcionalmente". E conclues: "Serás tu a excepção, meu amor?"

Misericordia! Parece-me que te comprazes em sobrepor torturas a torturas. Pois já não basta o prazer satanico de commentar o desvario desta paixão?

Sim, eu sou a excepção. Estás contente? Tu bem sabes como é a minha a nossa paixão.

Ouve: o nosso amor deve ser um motivo de alegria, o incentivo da gloria, o apoio das nossas nobres ambições.

Apiado-me do teu soffrimento, que tambem é meu, muito meu. Anseio pela tua calma, anseio pela tua felicidade. E só terei calma se a tiveres, só serei feliz se o fôres.

Reage, meu pobre tonto!

Onde o grande sceptico que ria do amor alheio?

Ama e crê no meu grande amor. Ama. O amor é vida, é luz, é ventura. Ama com simplicidade. Obedece aos mandamentos do amor. Esquece o mais. Não irrites o espirito nem anseies pela absoluta perfeição, porque ella é impossivel. Segue os impulsos do teu coração, que serás forte.

Disse Diderot: "il existait un homme naturel; on a introduit, dedans de cet homme, un homme artificiel et il s'est élévé dans la caverne une guerre civile qui dure toute la vie. Tantôt l'homme naturel est le plus fort, tantôt il est terrassé par l'homme moral e artificiel et, dans l'un et l'autre cas, le triste monstre est tiraillé, tenaillé, tourmenté, étendu sur la roue, sans cesse gémissant, sans cesse malheureux".

Até eu que não sou de citações, não lhes sei fugir de todo. Mas é que Diderot veio ao pintar. Elle foi um grande espirito, o mais bello, o mais fino espirito do seu tempo. Diz-se que o mais delicado prazer dessa época era ouvil-o conversar. E que são estas cartas senão conversas intimas, conversas de coração a coração, da tua alma á minha e da minha á tua? Nada, portanto, mais a proposito do que nos lembrar-mos do mais adoravel dos conversadores. Medita-lhe as palavras que te hão de ser proveitosas.

Hoje fico-me por aqui.

ALBA DE MELLO

fim de amor...

Nosso amor, meu amor, é preciso acabar. Venho dizer-te adeus, um adeus cheio de ternura, de arrependimento e de saudade.

Perdoa-me e crê que te amo, ainda, perdidamente, vehementemente, apaixonadamente! Fica com essa certeza, e não procures saber a causa porque te abandono.

Pensei muito, muitissimo, antes de tomar esta resolução. Que coragem me foi preciso para abdicar de um orgulho, de uma felicidade, talvez! Mas é melhor que eu parta.

Lembra-te de que, ás vezes, estando comtigo, torno-me triste, de repente, neurasthenica, a ponto de chorar e de fugir de ti? Nunca pensaste na razão desse procedimento? na minha teimosia em querer que fales a cada momento na eternidade do nosso amor?

Pois a explicação do mysterio está encerrada nestas simples palavras: eu te adoro! Por isso, tive sempre o receio de que um dia me desprezasses. Hoje, esse receio transformou-se em certeza cruel, em forte convicção de que mais tarde, não longe, me abandonarás.

Vês? E' noite. Cheia de estrellas e cheia de luar como aquella em que nos conhecemos, em que os meus olhos pretos sentiram pela primeira vez os teus, verdes e lindos, peccadoramente lindos, para jamais esquecel-os.

Mas eu detesto, odeio, sou indifferente á belleza desta noite. Eu tão triste, tão feia, e élla tão bonita!

Estou chorando, vês? E' de alegria... O nosso amor vae terminar como amor nenhum terminou até hoje: sem tedio, sem nojo!

Elle tentou, ainda, impedir que Maria Lila partisse. Commovido, esticou as mãos tremulas para a frente, num gesto inutil, e tartamudeou uma supplica, que já não foi ouvida.

O ceu continuava a carregar uma porção de estrellas...

Um vento assoprava brandamente, e as folhas verdes batiam palmas, no ar.

Na rua, um bohemio — bohemio ou moleque? — passou cantando:

" .. no te quiero más,
ni te puedo ver.. "

Luiz Caio

ELEGANCIAS

Marilu' é uma das mais antigas conhecidas de "Arlequim" Vio-o nascer, pouco a pouco, pagina atraz pagina. Animou-o, sempre. Na quinta-feira passada, quando o teve entre as suas mãos, sorriu contente e disse : "Que lindo !"

Depois, "Arlequim" precisou della. Bateu-lhe á porta e pediu. "Arlequim" só pede ás mulheres bonitas. E Marilu' é muito bonita.

Ella disse que sim. E agora, todas as semanas, Marilu', que é uma das maiores elegantes de São Paulo, escreverá duas paginas sobre modas, attendendo, ainda, ás consultas que lhe forem dirigidas nesse sentido.

Marilu' sabe uma porção de coisas interessantes. E é por isso que eu vou ficar quieto. Ella precisa, para dizer o que sabe, de duas paginas inteirinhas, sem uma linha de menos. E as terá, sempre. Não fosse ella tão bonita e tão intelligente !... — M.

Nos valles e montanhas, longe dos homens, andam florindo rosas eguaes ás que floriam na infancia da terra, eguaes, com certeza, ás que florirão no ultimo dia do mundo.

A claraboia concava do céo não se quebrou ainda, e o sol é o mesmo sol que deu bom-dia a Adão, numa alameda do Paraiso, muito antes do pae dos homens receber de um deus ironico aquelle famoso e irremediavel presente da costella.

A' excepção dos homens, ninguem se lembrou de crear nada de novo sob o sol. E depois da mulher, que elle creou sem querer, todos os seus inventos foram ingenuos e tristes: deuses, preconceitos, trabalhos, até mesmo o que não passaria pela cabeça do mais cruel dos demiurgos: o amor.

As mulheres, que tinham inveja dos homens que crearam os deuses á sua imagem e semelhança, crearam, tambem, qualquer cousa terrivel á sua imagem e semelhança: e foi, então, que a moda appareceu no mundo.

E, agora, á imagem das mulheres que a crearam — inconstante e incontentada, compondo pelo prazer de destruir, depois — a moda queimou os seus idolos de hontem, substituindo-os por outros que não escaparão, tambem, ao destino que espera, ironico, todos os idolos femininos.

Vejamos, em resumo, o que dizem os grandes costureiros sobre os novos modelos.

DIZ WORTH....

Com as saias mais compridas, a cintura quasi retoma o seu verdadeiro logar, transformando, assim, a silhueta a que os nossos olhos se haviam habituado.

Nos tecidos, aconselha Worth, deve dominar o velludo "souple" com pequenos desenhos, e os tecidos rebordados com fios de ouro.

Diz Cheruit....

Cheruit, menos ousado, mantem a saia de um comprimento moderado. Para a noite, porém, aconselha-a completamente irregular, com pontas e apanhados inesperados.

Tecidos favoritos: muito tulle, rendas e, principalmente, tulle "ciré". Esses tecidos, affirma Cheruit, darão a grande nota na "saison"

Quanto á linha, continúa o mestre, o "smoking pailleté" ou bordado, dominará sempre a lado das saias muito leves e amplas.

Para a noite, as cores predilectas serão vivas, berrantes mesmo, em contraste com as toilettes de dia, onde o preto continuará a manter o seu reinado.

Diz Doucet ..

Confirma Doucet que as saias serão realmente mais compridas do que as actuaes, reservando-nos, porém, uma encantadora e inesperada linha: conservar-se-ão curtas na frente, emquanto crescerão atraz.

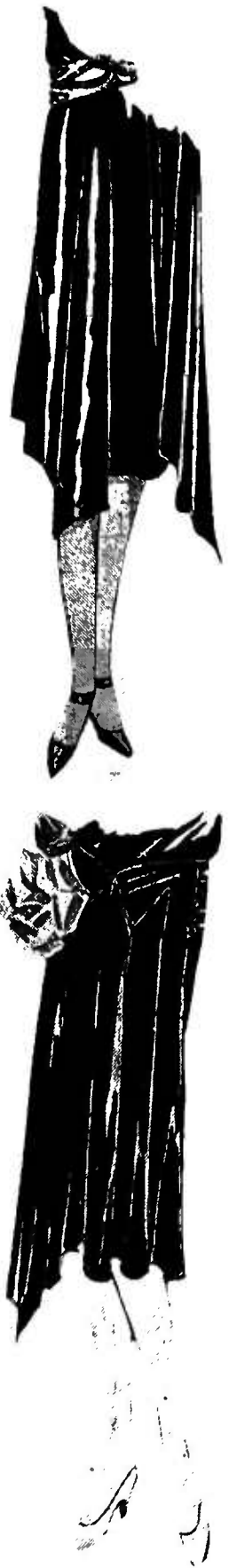
Segundo Doucet, os tecidos serão sumptuosos: ouro, muito ouro, "strass" e perolas completarão o encanto dos vestidos brancos, luminosos.

—

Collares de ouro, crystal, onyx, ou diamantes desthronarão definitivamente os de perolas, já decadentes.

—

Uma flor — rosa, cravo ou papoula — completará a "toilette", prendendo com encanto os collares de gaze, tulle ou plumas, que farão o grande successo da estação.

Marilú.

AMELIA REY COLAÇO

Ha nomes que mostram almas. Por exemplo, ninguem acreditaria que Napoleão Bonaparte pudesse ser o nome de um caixeiro de lojas de modas, como não ha possibilidade physica ou chimica de haver um heroe chamado Narciso Suspiro.

Ha nomes que impõem um destino. Julio Cezar, Nuno Alvares, Victor Hugo, Olavo Bilac, Miguel Angelo, Guerra Junqueiro, e quantos outros dizem tanto, por si sós, como as mais esmiuçadas biographias.

Assim é, tambem, com Amelia Rey Colaço, a insigne actriz portugueza, que nos veiu mostrar a expressão mais moderna e mais interessante do theatro de hoje em Portugal.

Amelia Rey Colaço! Um lindo e perfeito verso de seis syllabas, seis syllabas sonoras, cantantes, risonhas, deliciosas de musica, inebriantes de perfume, como a mocidade em flor dessa artista encantadora que têm a correr-lhe nas veias, por temperamento e por feliz herança de uma dynastia artistica, a graça e o ardor da velha Hespanha, a subtileza delicada da França aristocratica, o lyrismo medieval da Patria das Valkirias, o sangue impetuoso das terras da Mourama e a ternura ingenua e emocionante da gente portugueza.

E' por isso — pondo de parte o grande talento que é apanagio da sua illustre familia onde colhemos ao acaso os nomes prestigiosos do grande pianista Rey Colaço, seu pae, do famoso Jorge Colaço, que revive nos mais lindos azulejos a Historia gloriossa de Portugal, da enternecedora poetiza Branca de Gonta Colaço, do joven e pujante escriptor Thomaz Colaço — é por isso talvez, que a insinuante artista, agora em arroubos de meiguice em qualquer comedia gentil de de Flers ou de Gerbidon, logo nas imprecações tempestuosas de uma tragedia esmagadora, a seguir na simples interpretação de uma alma mistica e mansa, no theatro moderno ou no antigo, em deliciosas "toilettes" de Paris ou nas roupagens severas dos grandes dramas historicos, rindo, sorrindo ou chorando, consegue sempre empolgar as platéas que embevecidas a escutam e que com ella vibram de alegria, de horror ou de tristeza, na mesma empolgante emoção com que a eminente artista sabe encarar as personagens, com ella soffrendo, rindo e amando como se um milagre divino da arte lhe permitisse não uma interpretação, mas uma substituição de almas.

S. Paulo tem sabido receber a grande artista portugueza com as honras que lhe eram devidas. E a Artista Senhora, que tem sabido manter bem alto, na vida do palco, aquella linha de distincção que nós tanto apreciamos no palco da vida, já declarou que deixa em S. Paulo uma boa parte do seu coração, desse amantissimo coração que lhe permitiu, na scena real do mundo, a interpretação do papel mais sublime para uma mulher: o de Mãe.

ARLEQUIM

A' esquerda: Elsa Gomes, estrella do Ra-Ta-Plan que, á ultima hora, adoentada, ficou no Rio. Ha muito quem muito espere que ainda venha. A' direita: a linda Gina Bianchi, italiana finamente abraseleirada nos requebros da revista nacional.

Na exposição de Café

Um grupo de gentis estudantes

PAGINA DE UM DIARIO

Canção da Ternura

Abril.

Paz bucolica de aldeia.

A manhã, gloriosamente linda, com caricias de luz, enxugava as ultimas lagrimas, que tremeluziam na corolla das flôres.

Risonho e limpido, o céo era todo uma historia azul de Fadas... uma gigantesca sempre-viva amarella.. um meigo rebanho de ovelhinhas brancas... um castello encantado... montanhas revestidas de neve... a cabeça muito alva de um velhinho muito branco, como papá Noél...

Andorinhas brincavam, em algazarra, de redor do campanario.

As laranjeiras, com elegancia, ostentavam tunicas verdes, abotoadas com botões de ouro.

Vestida de perfumes, graciosa e trefega, a brisa fazia cocegas no dorso do riacho, que sorria nervoso, cascaveleando crystalinamente...

Ao longe, mãos postas, um pinheiro — monja solitaria — erguia preces ao Azul...

E foi então, que tu me appareceste... E foi, então, que te vi, pela primeira vez...

Como estavas linda!

Em teus labios, floriam rosas; a noite baixava sobre teus cabellos; a alma sorria-te nos olhos... Eras todo um poema de candura; eras todo um madrigal de amôr...

Sobre tua fronte, em suavissima pureza, esfolhavam-se camelias e magnolias, numa chuva lyrial de pétalas brancas...

Em segredo, menos com os labios que com a alma, murmurei: — "Serás minha..."

Sorriste...

Desde então, a felicidade estendeu suas azas sobre nossas cabeças. E o céo encheu-nos de bençams. E o amôr buscou morada em nossos corações...

Mello Ayres

O labio do homem não é como a pata do cavallo de Attila, que esterilizava o solo em que batia: é justamente o contrario.

Machado de Assis

Ha sempre alguem que surprehende o encontro de dois olhares; ha sempre alguem que adivinha de onde se vem a certas horas... Os deuses antigamente arranjavam essas coisas melhor; tinham uma nuvem que os tornava invisiveis.

Eça de Queiroz

Derramarei os meus cantos no teu mudo coração e o meu amor no teu amor.

Rabindranath Tagore

Outro aspecto da nossa linda estudantina

Cine Republica

DIA **21**

LA BOHÈME

A mais bella e mais humana synthese da vida

A obra immortal que MURGER escreveu, PUCCINI musicou e a METRO-GOLDWYN-MAYER filmou !

Lilian Gish
John Gilbert
Renée Adorée
Roy D'Arcy
Karl Dane

mise-en-scène especial do **Cine Republica**

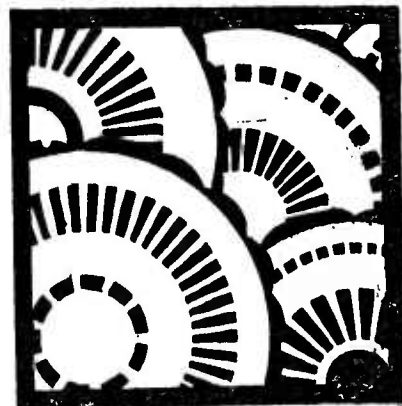
Partitura de Puccini

especialmente adaptada por Fabello.

O VERÃO DAS RENDAS

Elle me appareceu vestido com o seu fraque verde.
Elle tem um geito todo seu de me dizer **bom dia.**
Elle nunca me disse, nunca, **boa noite** ou **boa tarde.**
Elle não FALA.
Elle não tem vóz.
Elle não fala com ninguem.
Mas a mim elle tem contado muitas historias interessantes, e eu tenho comprehendido perfeitamente todas ellas.
Elle não me fala senão com uns caprichosos meneios de cabeça, rythmicos, com uns gestós muito typicos, uns acenos muito seus.
Elle é original.
Hontem, elle me apppareceu vestido com o seu fraque verde.
Não sei precisamente por que,
mas,
logo que o vi,
recordei de prompto Oscar Wilde.
Elle é meu amigo,
e esse meu amigo,
que nunca vi senão vestindo um fraque verde,
é conhecido tambem de vocês todos:
E' o Calangro.
Alguns o chamam apenas de CALANGO,
mas,
Calango ou Calangro,
seu parentesco não é dos mais longinquos com o Lagarto,
com a Lagartixa
e com o Camaleão.
Calangro é a metamorphose do CAMELEÃO:
o fraque verde,
porém,
é que é de uso privativo do Calangro, desse amigo que nunca se entendeu commigo por meio de palavras,
se não por meio daquelles acenos typicos, que são absolutamente seus, exclusivamente seus.
Posso garantir a vocês que não é difficil comprehender
a alma verde do Calangro
— porque o Calangro tem uma alma,
e a cor de sua alma,
como a do seu fraque,
é verde.
Hontem,
citando paradoxalmente de Forest,
de Rudyard Kipling,
e envergando o seu fraque verde habitual,
Calangro me falou do verão das rendas.
Advertiu-me que "manobrar os homens é facil,
o diabo é manobrar as mulheres".
Depois disso,
elle me contou que
vamos assistir à aleluia dos bilros;
Todas as senhoras elegantes ostentarão lindos vestidos,
todos elles feitos puramente de rendas;
As machinas
— é natural —
fornecerão a todo o mundo muita renda,
para muito vestido,
mas as rendas trabalhadas a mão,
sob a toada harmonica dos bilros,
serão as rendas preferidas,
serão as rendas disputadas por esse
diabolico exercito
de mulheres ricas e elegantes...
Socegando um pouco,
afim de repousar de um longo trabalho de gesticulação,
Calangro voltou,
dahi a instantes,
a fazer os seus classicos movimentos de cabeça,
e eu,
admirando-lhe mais uma vez a correcção do fraque verde,
assim fui traduzindo
o resto da sua reportagem:
"As rendas contarão ineffaveis segredos,
maravilhas reconditas,
a todos os homens enamorados;
Creio até que ellas travarão sérios conflictos com as camisolas,
com as camisetas
e com tudo o mais que lhes pareça superfluo na mulher,
nesses tempos de calor;
Penso que as rendas já estão tramando,
desde agora,
uma cilada engraçadissima,
em que serão envolvidos
esses homens extremamente desconfiados,
extremamente zelosos
e extremamente ciumentos;
Os seios de neve vão atravessar uma deliciosa phase
de desafogo verdadeiro,
de ampla liberdade,
acariciados,
a quando e quando,
pelas pontas peraltas das rendas victoriosas;
Os homens em geral terão
uma festa permanente para os olhos,
com a aleluia dos bilros;
O verão das rendas annunciará
a grande aurora de um paganismo integral,
que ahi vem caminhando,
que ahi vem caminhando não sei a quantos kilometros por hora;
Uma loura, encantada outrora nos velludos somnolentos,
surdirá fresca e bella,
com a aleluia das rendas;
Uma morena, em tempos idos occulta na suavidade dos setins e das sedas,
fará ressuscitar envolto em rendas,
para os beijos do sol,
todo um thesouro immenso de belleza;
Os fusos, as rocas e os teares,
dentro na sua soledade,
hão de sentir muito ao longe,
como uma reminiscencia de grandeza extincta,
o perfume de carne das creaturas amaveis que,
circumdadas de rendas carissimas,
rolarão de terra a terra,
de oceano a oceano;
As gazes chorarão definitivamente os seus dias de gloria;
Os bordados, as franjas, os velludos dourados, as abas e as blusas entrarão,
soluçando,
para os conventos silenciosos.
E as rendas brancas, as rendas prateadas, as rendas douradas,
as rendas coi de laranja queimada
e as rendas multicores celebrarão
a aleluia dos bilros,
o verão das rendas.
Morrerão, com a aleluia dos bilros,
os lindos brocados, no enleio das missangas,
e os tulles luzidios, no cicio das tunicas macias
e na caricia das pelles enleiantes."

Ditas todas essas coisas,
Calangro desappareceu.

G. C.

A BEMAVENTURADA

A primeira arbitrariedade que o mundo commetteu para com D. Placida foi a de leval-a á pia baptismal, sem commentarios nem consultas e ahi apresental-a, por intermedio de outrem, julgando-a indigna de se apresentar por si mesma. Como, porém, a intenção do mundo era apagar-lhe a nodoa do peccado orignal, D. Placida não oppoz nenhuma resistencia e, concordando, fechou os olhos. Isto tanto poderia ter sido a consequencia do somno indifferente dos neophytos que não sabem de si, como o prenuncio da sua placidez futura, ou da resolução que tomou de acceitar, em silencio, as outras arbitrariedades que viriam mais tarde.

Disseram que um acto de despotismo jamais poderá ser acompanhado de branduras e meiguices sinceras , e assim deve ser porque, quando o padre perguntou pelo nome da creança, o padrinho respondeu : — Barbara!. No entanto, D. Placida era quasi um cherubim, se não pela belleza propria, ao menos pela frescura da sua primeira infancia. Era-o no rosado da pelle macia como uma petala, nos olhinhos azues e limpos e nos fiapos de oiro do seu coquinho pellado. Quando aquelle nome desabou como uma taipa sobre o cherubim, D. Placida estava mergulhada no ditoso somno que lhe dava a vida e lhe gerava uns sonhos subtis de leite e seios turgidos, uns seios que lhe roçavam pelos labios e lhe contrahiam o cantinho da bocca, num sorriso fugaz e somnolento. Quando esse nome cahiu sobre a creança rosada, foi como se o gigante papa-leguas mettesse o pé no sapatinho da Borralheira, ou a boquinha de D. Placida se abrisse para roncar como o trovão!

Que motivo ponderavel teve a egreja antiga para conferir o sacramento do baptismo somente na edade avançada, e até mesmo em artigo de morte? Talvez por julgar no seu reservado entendimento que, sendo o nome o termo com que se designa uma pessôa, só deve ser applicado no tempo proprio, depois de ser ella bem conhecida em todos as suas virtudes e predicados.. Mas D. Placida não protestou contra o nome esmagador que lhe puzeram porque nasceu convencida de que se deve obediencia ao mundo. Por essa mesma razão permaneceu em silencio quando lhe propuzeram todas as questões sobre as verdades da fé; quando recitou o Symbolo dos Apostolos e renunciou ao diabo!

Ao receber a agua purificadora da culpa de seus paes, deixou, com toda a docilidade, que lhe voltassem a cabeça para o oriente — symbolo da luz — e os pés para o José Dyonisio, sacristão — imagem dos tenebros. A sua quieta submissão e o sonho feito sorriso, a bulir com a sua bocca, produziram penosa impressão nos circumstantes que almejavam o choro que é o signal da vida!

D. Placida calou-se ao segurar a vela que devia esclarecer a sua razão ; calou-se quando o padre assoprou, por tres vezes, o demonio do seu rosto, como se fosse um argueiro ; mesmo quando lhe foi prenunciado que teria de carregar uma cruz por toda a vida e de lhe terem escancarado a boquinha e ahi mettido o azinhavrado sal da sapiencia. . até mesmo quando lhe chamaram : "Epheta!" D. Placida se conservou surda e muda, como convem a uma creança obediente que se baptisa. Para não desmentir, porem, á sua condição humana, concedeu um espreguiçamento, e estirando as perninhas e estirando os braços, abriu os olhinhos vivos, fixou-os na vela symbolica que seguravam por ella e depois levantou, em silencio, o bracinho cor de rosa, com a mão fechada, numa figa ao mundo.

No decorrer do tempo, desde que se lhe accenderam no espirito as luzes do entendimento, D. Placida se consolidou nas suas opiniões de brandura e de temor. Supprimiu do seu vocabulario a palavra "não' e alisou todas as rugas de sua alma. De creança docil passou á moça submissa e desistiu, em proveito dos outros, do quinhão de vontade que lhe tocou na vida. A natureza benigna, para lhe garantir a boa fortuna, lhe deu a passividade de que nascem as grandes virtudes do silencio e da tolerancia.

* * *

D. Placida achou justificativa para todos os crimes ; perdoou aos maus ; explicou as coleras e, como a creança da estampa, sahiu pela existencia, a passear pela beira dos abysmos, pisando pedras movediças, ignorando perigos — confiada na paz do seu espirito e na doçura do seu coração...

Não viu D. Placida nenhum phantasma no repouso das suas noites e nenhum espinho no caule dos suas flores. Qualquer contracção de bocca — ainda que fosse a da dor — lhe parecia um sorriso. Não conheceu terror e nem espantos, pois tudo lhe transcorria, impellido pela mesma força, vivendo do mesmo encanto, amparado pelo mesmo amor.. Tudo lhe resplandecia á luz da fé que alumia o mundo e o intimo das almas. Conhecia todos os temores, praticava todas as virtudes e quando, com resignação invejavel, sentiu passar-lhe a vida, recebeu o seu verdadeiro baptismo — perdeu o pesado nome que lhe deram, na pia, e ganhou o de D. Placida, que lhe dei...

Quando D. Placida consentiu em casamento, prometteu a si mesma, na sua singeleza, ouvir dez missas para pedir a Deus, em todos ellas que não a desamparasse ; por isso, ao terminar as suas orações, D. Placida rogava invariavelmente, no fervor da sua fé :

— Senhor meu Deus, se não for para minha felicidade, dai-me antes uma boa hora de morte!..

Ora, de manhã, emquanto dizem missa na terra, Deus fica tão apoquentado com os peditorios que sobem ao Céo a ponto de, muitas vezes, perder a paciencia e não attender a ninguem! Mas a alma da mulher confiante ignorava os enfados do altissimo e, por isso, repetiu durante nove dias consecutivos a singela supplica. No dia em que devia assistir ao ultimo officio da sua promessa, choveu torrencialmente, com trovões, ventos e enxurradas. Todas as casas se fecharam ; não havia viva alma nas ruas, não obstante, D. Placida, escrava de seus deveres, affrontou o aguaceiro e foi á sua missa! Chegou toda molhadinha á egreja vasia ; não viu o padre, não viu o sacristão e, se não fosse um cabrito encolhido e encharcado, á porta da egreja — não encontraria creatura por alli! D. Placida vagueou pelos altares, depois quedou á espera, emquanto passavam as horas e não passava a chuva. Temendo não cumprir integralmente a sua promessa, pois era aquelle o seu ultimo dia de solteira, ajoelhou-se solitaria e humilde ao altar e murmurou, como sempre, as suas monotonas orações ; ao terminar, repetiu o peditorio, accrescentando :

— Attende, Senhor meu Deus, á vossa creatura que não vos pedirá mais nada!

Quando D. Placida se levantou e se viu sosinha no centro da nave immensa e magestosa, teve uma grande esperança porque lhe pareceu que Deus ia ouvil-a, visto como só havia ella a pedir naquelle instante. Exultou então como um pretendente na antecamara deserta dum ministro; aproveitou no que poude, a falta de concurrencia, para teimar com Deus. E Deus ommividente, bem reparou na teimosinha, na chuva que cahia, no padre, no sacristão e na parochia que se deixaram ficar em casa e não lhe veio tomar a benção!...

Achou D. Placida um pouco pidonha, é certo mas interessante e tomou nota. Mas tarde, quando lhe trouxeram, para os despachos, o "Livro das Supplicas", na de D. Placida, exarou, excepcionalmente: — "Como pede".. Considerando melhor,Deus viu depois que tinha sido precipitado, concedendo um bem que não costumava conceder com frequencia; Mas era tarde, e como despacho de Deus não se reforma — D. Placida apanhou, mui caladinha e por falta de concurrentes num dia de audiencia — aquella ventura que poucos desfructam!

O amor, quando é tranquillo dura sempre; enche o seu objecto, transborda e se alastra por tudo quanto o cerca. O coração inexhaurivel produz sempre o mesmo amor que toca em todos os seres e em todos as cousas e, de parcella em parcella, disperso pelo mundo, se junta finalmente aos pés de Deus, de onde volta ao homem em forma de perdão... D. Placida, além dos seus e além do proximo, amou tudo quanto viu e tudo quanto vive. Cultivou a terra, protegeu os bichos, mas teve insomias pelas formigas que lhe comiam as flores. Muitas noites sahiu ao pateo, de vela accesa, a ver se estava bem fechada a porta do lenheiro, onde dormia a gallinha de pintos; e voltava á casa,socegada e contente se tinha ouvido, no silencio do rancho escuro por debaixo do montão negro de lenha, o sonno dos pintos num piriri continuo e somnolento!

E as flores então? Nasciam verdes e sadias sob o carinho de seus dedos! A boa terra se abria, fofa e humida, para lhe guardar a esperança; e a luz, cahindo como uma benção, sobre a sagrada familia da terra, agua e semente, resplandecia e se transformava em aroma e cor — o encanto do olhar humano e o enlevo da alma santa de D. Placida... Amou, suavemente, a liberdade de cada um no direito da vida — retirando a pedra que embarga a raiz mas amontoando-a para a existencia dos musgos. Se algum vivente prendeu no mundo, foi a malva e foi o cravo; prendeu-os no pote exiguo para trazel-os á janella; queria-os na intimidade de seu lar e,como não tinha animo de arrancal-os ao seu canteiro, encarcerou-os mas lhes deu trato de mãe... Uma unica vez. teve um passaro, preso e essa, sabe-o D. Placida quanto lhe custou de sobresaltos e remorsos, e quanto lhe bateu o coração, no dia em que, ao levantar-se, viu o canarinho doente para morrer! O pobrezinho, encorujado no poleiro, com a cabeça mergulhada nas pennas arripiadas — redondinho como se fosse uma gemma — custou lhe um par de lagrimas doridas.

As folhas da malva foram as predilectas do seu coração; amava-as e tinha com ellas colloquios intimos de amores sentimentaes... Aspirava-os com força, num suspiro melancolico e as guardava no seio, onde ellas ficavam em doce conchego, retribuindo-lhe os carinhos com o seu perfume de fructa. .Fechava-as D. Placida, no bahuzinho dos lenços aonde ellas espargiam o balsamo das suas virtudes, afugentando delles as lagrimas e os conservando sempre lisos, sem os amarrotamentos dos soluços e alheios ás agitações das despedidas... A malva para D. Placida, era irmã da sua alma — simples como a sua virtude, doce e incomparavel como o seu amor! Amava-a muito de pouquinho em pouquinho, de folha em folha, de suspiro em suspiro, mas a trazia sempre encarcerada no seu potezinho á janella, espiando á furto a luz immensa que andava além, na immensidão dos céos calados!

Um dia, sentindo D. Placida crescer no seu coração o amor á doce planta e esquecendo as boas virtudes, deixou-se arrebatar pela ambição humana. A sua má origem, que a agua santa não lavara de todo, levou-a, na vertigem dos sonhos loucos, a descer ao jardim, cavar a terra numa grande extensão, amanhal-a cuidadosamente e plántal-a toda de malvas! A ambição creou tão depressa raizes no coração de D. Placida, como as malvas na terra avida e, dentro em pouco — perdida a modestia, perdido o silencio e com as virtudes todas intimidadas—D. Placida mostrava, vaidosa, a meio mundo, o seu malval enorme, verde e cheiroso. E o seu prazer era agital-o todo, com uma varinha tenue. Fustigava-lhe as folhas com a superioridade do dominio e se aprumava impertigada para receber em cheio, no seu corpo esquecido do recato, o sopro perfumado que vinha da terra; que vinha das malvas, incensar a sua soberba; mas não lhe arrancava o doce suspiro nascido da folha mutilada e solitaria, aspirada em recolhimento e aconchegada ao seio! Todavia, a maldade do mundo, o ephemero da gloria, a mentira da vaidade, se occultavam na vida deslumbrante da mesma primavera que dá alento as malvas candidas e cria as lagartas gulosas de verduras tenras!... D. Placida viu, numa manhã da vida, na mais ampla manifestação das existencias, o seu canteiro nú, as suas malvas devoradas todas e, no seio da terra, as raizes desapontadas pela sua inutilidade!... E as lagartas vorazes — coleantes, verdes e repletas — tinham desapparecido! Levaram comsigo o manto daquella terra, a gloria daquella mulher, para um cantozinho ignorado onde foram se transformar em cores, crear azas e levar assim transfiguradas, assim esvoaçantes — borboletas verdes — as malvas de D. Placida, a ver a luz e as grandes auras!

Como contraste ou como castigo, a um canto do canteiro, ficou um pé de malva, unico sobrevivente áquella hecatombe! D. Placida abaixou-se, examinou-o, verificando se elle estava, de facto, plantado ainda e, emquanto esteve alli, soffrendo, alheia ás philosophias, muito acabrunhada, na sua decepção, a terra lhe disse baixinho: "D. Placida, leve para o pote a planta que escapou á devastação e não se esqueça nunca que malva é uma felicidade que não dá muita duma vez, assim como a felicidade é malva que só cabe num potinho!..." D. Placida, sorrindo, transportou a malva sobreviva para o seu peitoril; fez depois as suas penitencias, pedindo perdão a Deus do seu tremendo peccado... Esqueceu as penas que teve com as malvas que perdeu, mas no fim do seu breviario, cheio de orações encommendadas, onde jámais o seu olhar poisara, ficou para sempre, muito bem guardada, muito lisa e livida, a maneira de uma folha, clamando a quem a desvendasse, a palavra "Saudade", escripta por entre as suas nervuras hirtas..

(Conclúe na pg. 31)

ALOHA OE

Jack London

Traduzido do inglez por Americo R. Netto

Nunca se viu embarque como este, no caes de Honolulu. Das chaminés do barco de alto bordo rola um fumo espesso e negro. Nos passadiços comprimem-se mais de mil pessoas. No caes acotovellam-se nada menos de cinco mil. Pela escada sobem e descem principes e princezas indigenas, reis de assucar, altos funccionarios do Territorio. Mais além, em longas filas disciplinadas, alinham-se os carros e automoveis da aristocracia da terra. Toca no molhe a banda real hawaiana, cujos compassos languidos uma orchestra indigena, a bordo, retoma e desdobra com o seu instrumental de cordas, soluçando sons, emquanto em terra uma mulher bronzeada tange agora seu timbre crystallino, bem acima da melodia dos instrumentos, bem acima do murmurio das despedidas. E' um cantico limpido, clamando vibrante no grande diapasão do adeus.

* * *

Na prôa debruçam-se moços vestidos de khaki, dizendo com as faces requeimadas a historia de tres annos de campanha. O adeus, porém, não é para elles. Não é para o capitão, todo apertado no seu dolman branco, rebrilhante de dourados, olhando, superior e distante, o tumulto que se move a seus pés, abaixo da ponte de commando. Nem, tambem, para aquelle grupo de mulheres de pelle branca, rosto devastado pelo clima de sol inclemente. No convez principal, a meia-nave, está um grupo de senadores americanos — a commissão senatorial de estudos, que durante um mez comeu e bebeu, atordoou-se de estatisticas e andou de baixo para cima, cortando as solas dos sapatos nas lavas das encostas, a ver e a medir as glorias e os recursos de Hawaii. Para leval-a de regresso aos Estados Unidos especialmente abicou em Honolulu o grande transatlantico. E é para trazer-lhe adeuses que toda aquella gente alli se estende.

Os senadores estão cobertos, coroados de flores. Um delles, Jeremias Sambrooke, quasi desapparece, com sua alta estatura e pescoço taurino, sob um monte de ramos e guirlandas. Vêem-se-lhe apenas as pernas e a face, massiça, queimada de novo e onde correm lentos fios de suor. As flores suporta-as meio indignado e, si olha toda aquella gente é com apreciativa puramente estatistica. Não vê, não percebe belleza alguma, mas pesa a capacidade de trabalho, as possibilidades das fabricas, das estradas de ferro, das plantações que estão para além da multidão e que a multidão representa. Olha recursos e imagina desenvolvimentos, occupado demais com seu sonho de dominio e de realisações materiaes para dar attenção a filha, que falla ao lado com um rapaz alto, negligentemente vestido de branco, chapeu de palha na mão. E que só tem olhos para envolvel-a, absorvendo-a. Olhasse o senador para ella, porém, e verria que em vez da mocinha de quinze annos, trazida para Hawaii ha um mez apenas, de Hawaii leva de volta, agora, uma mulher.

Hawaii tem clima que sazona de prompto. E Dorothy Sambrooke se impregnou de toda a sua influencia nas mais favoraveis condições para amadurecer depressa. Fina, pallida, olhos azues um pouco cançados de muito ler e apenas de leve tentando comprehender a vida — assim tinha chegado alli. Agora, entretanto, os olhos já lhe brilham e ardem, as faces mostram a sombra de um sangue mais grosso e no corpo se accusam, francos, os contornos das grandes curvas femininos. Deixou, naquellas quatro semanas, os livros a que tanto queria, para ler, directamente, no grande livro da vida. Montou a cavallo, subiu ao topo dos vulcões, aprendeu a nadar nas ondas dos tropicos. O sol dos mares grandes e das ilhas pequenas entrou-lhe pelo sangue e ella agora vive, vibra com luz, cor e calor. Esteve um mez inteiro na companhia diaria de um homem — Stephens Knight, athleta, nadador, Deus bronzeado do mar.

* * *

Dorothy não se dá conta, no momento, de tão grande mundaça. Tem, ainda, a consciencia de uma menina e muito a surprehende e perturba a estranha conducta de Stephens, nesta hora da separação. Olhou-o sempre como simples companheiro de brinquedo, mas nota, na verdade, que elle não se despede como simples companheiro de brinquedo. Fala rapido, quasi sem nexo, excitando-se, calando-se ás vezes, mas não deixando de fital-a. E que olhos tão abrazadores! Brota delles qualquer coisa de terrivel, que a moça não sabe, não pode enfrentar. E' um pedido, é um chamado, imperioso e instante, que não ha evitar. Chamado e pedido, anciado e fremente, como egual não notou ainda em olhos humanos. Ella mesma crepita inteira, um tanto excitada, um pouco assustada.

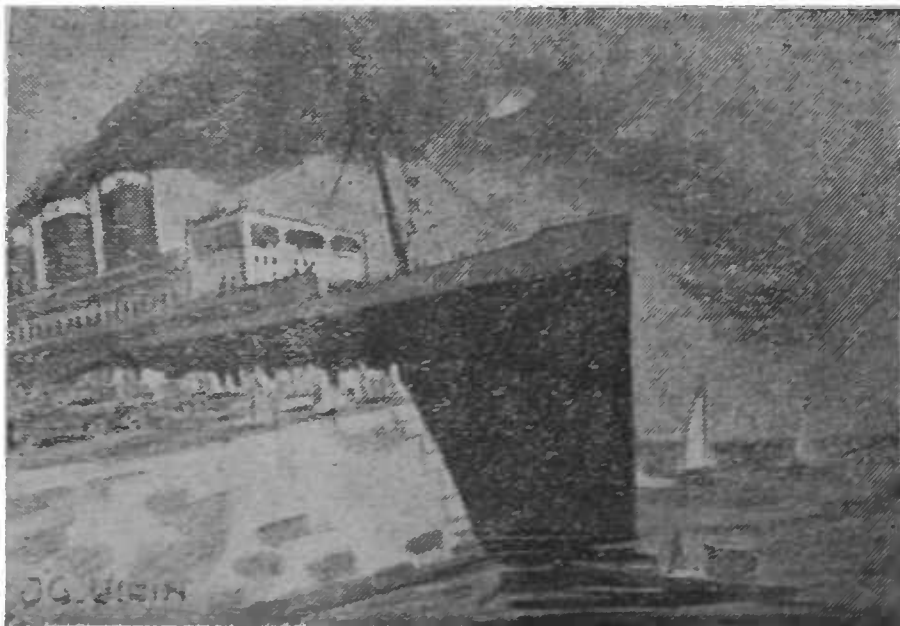
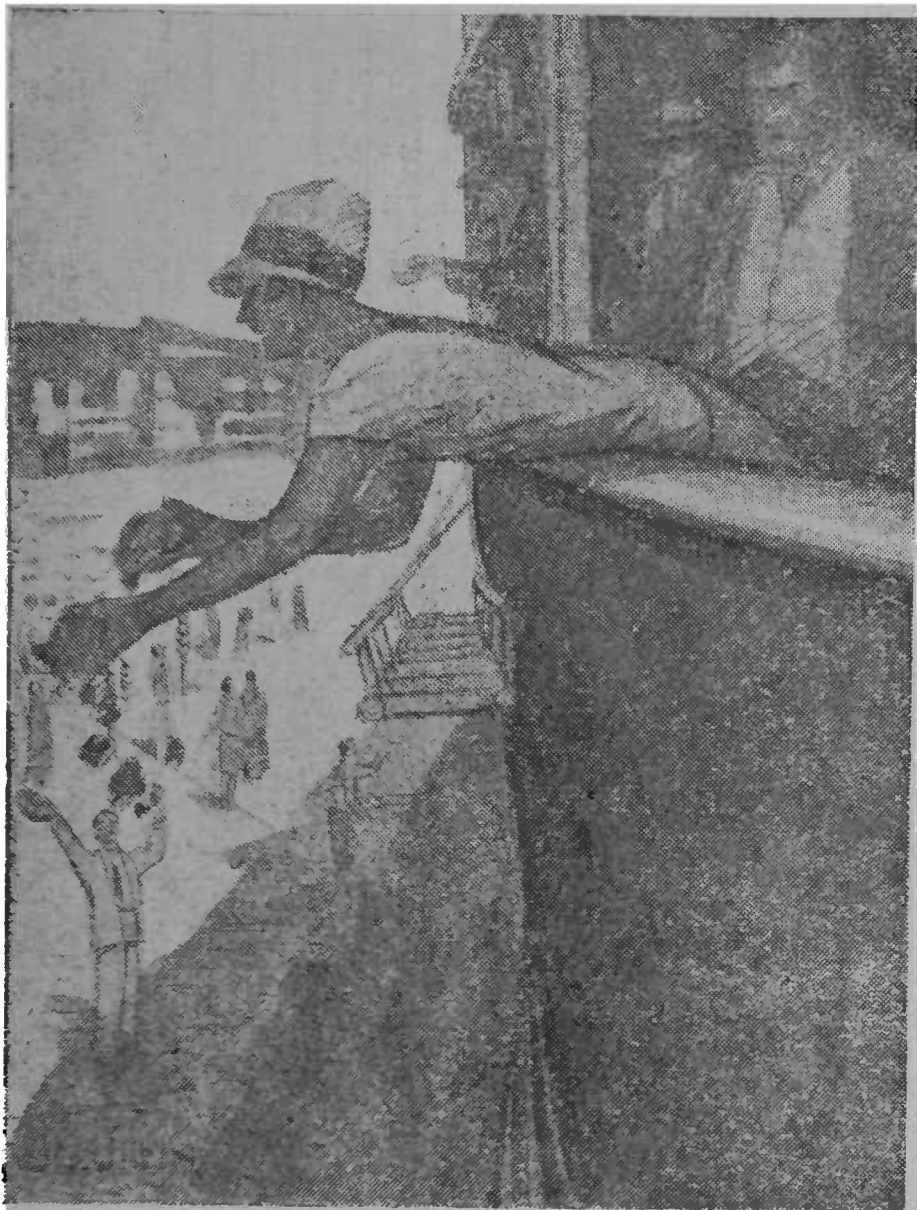
A sereia de bordo rompe num clamor brutal. A multidão coroada de flores chega-se mais ao flanco do navio. Dorothy põe as mãos ambas nos ouvidos emquanto nota, outra vez, o brilho imperioso e instante dos olhos de Stephens Elle agora não a fita nos olhos, mas segue encantado, a cambiante de tons que o sol tombado lhe põe nos dedos finos. Attrahida e fascinada, procura aquella qualquer coisa barbara que ha nos olhos do moço, até que elle a fita de cheio, tambem. Ahi as faces delle escurecem, emquanto tenta dizer qualquer coisas Está perturbadissimo e ella sente um pouco, ella tambem, daquelle tumulto nervoso.

De um lado para outro apressam-se, correm os criados de bordo, pedindo aos visitantes para que deixem o navio.

Stephens toma-lhe a mão. E ao sentir a pressão daquelles dedos que tantas outras vezes têm agarrado os seus dedos nas rampas de lava e nas vagas dos tropicos, ella escuta, com um significado novo as palavras do canto que se modula plangente, na garganta de ouro da hawaiana:

" . . . .

O oe no ka'u aloha
a loko e hana nei

. . . .

Stephens mesmo lhe ensinara a musica e as palavras, dizendo-lhe o sentido dellas — pelo menos como até ahi acreditou. Naquelle instante do ultimo contacto porém, advinha pela primeira vez o significado real do verso. Quasi o não vê sahir, nem pode distinguil-o mais entre a multidão, que se agita no mólhe. Mergulha num sonho, com que evoca o mez alli vivido. A' luz da grande revelação repassa o que succedeu.

A' chegada dos senadores, Stephens viera com a commissão de recepção. Fora elle quem dera a primeira demonstração de aquaplano, largando-se com sua prancha esguia para o mar alto, até ser um ponto na vastidão do oceano desdobrado. Para voltar, surgindo como um deus marinho, da festa de espuma das vagas possantes — surgindo imponente, cabeça, hombros e peito, cintura, bacia e pernas, até aprumar-se na crista de uma vaga immensa, que rolava, rolava, arqueada e tumida. E que estourava na praia. E de onde elle irrompia, sorrindo magnifico, chegando-se ao grupo pasmado, todo escorrendo agua salgada ainda em bolhas.

Fôra aquella sua primeira visão de Stephens. Era o mais moço da commissão. Não tinha vinte annos. Com elle nada de discursos, nem poses decorativas nas recepções. Foi nos vagalhões de Waikiki, nas correrias do gado bravo de grandes chiffres, em Mauna Kea e nos rodeios de Haleakala, que tomou o papel de distrahil-a.

Pouco se dava a moça das estatisticas infindaveis, da eterna mania oratoria dos outros membros da commissão. Stephens, egualmente. Era com elle que se largava para as festas do ar livre, em Hamakua, horrorisada com Abe Louison, magnata plantador, que só falava café e mais café. Cavalgando lentos pelas avencas gigantes, aprendera "Aloha oe!" o canto da saudade e da despedida, cantado em todos os ranchos, aldeias e plantações na hora commovida da separação.

Stephens e ellla tinham estados juntos desde o começo. Fora, realmente, o seu companheiro de brinquedo. Emquanto o pae se apossava das estatisticas da ilha, ella se apossava do moço. Fina e gentil demais para tyrannisal-o, não lhe foi difficil, porém, dominal-o de todo. Menos na canoa ou no aquaplano, quando elle mandava e ella obedecia.

E alli, naquelle instante, na emoção envolvente do canto de saudade, já se movendo o grande navio, a moça sente, sabe, percebe, por fim, que Stephens é para ella muito mais que um companheiro de brinquedo.

Cinco mil vozes cantam:

"Aloha oe . . . . —
Meu amor vae comtigo até nos vermos".

E neste primeiro clarão da paixão revelada, já lhe dóe a dor da separação. Quando se encontrarão de novo? Quando?

Elle mesmo lhe ensinou as palavras de adeus. Lembra-se tel-as escutado, attenta, emquanto elle as repetia, á sombra macia da artocarpa, em Waikiki. Teria sido uma prophecia, aquella? Lembra-se ter admirado como dizia tão bem, notara que tinha expressão, muita expressão. Ri, então, nervosamente, amargamente. Com muita expressão! — quando, de facto, todo o coração delle estava no que dizia... Sabe-o agora, mas é tarde. Porque não falou elle? Lembra-se, então, que as mocinhas da sua edade não se casam ainda. Mas as mocinhas da sua edade se casam — em Hawaii — é o seu pensamento instantaneo. Hawaii tinha feito com que ficasse sazonada, Hawaii onde a carne é dourada e onde todas as mulheres são beijadas e atempadas pelo sol.

* * *

Debalde olha pela multidão comprimida no caes. Onde está elle? Sente que pagará qualquer preço, fará qualquer sacrificio para vel-o ainda. E quasi deseja que uma doença mortal fira o capitão, branco, dourado e impassivel na ponte de commando, para que se adie a partida. Pela primeira vez na vida olha seu pae com olhar critico, descobrindo, num receio novo, as linhas duras do seu rosto. Será terrivel fazer-lhe frente? E para que? Stephens não fallou.... Agora é tarde. Por que, por que não fallou elle, á sombra macia da artocarpa, em Waikiki.?

De repente, cahindo-lhe o coração aos pés, comprehende por que. Que foi aquillo que ouviu um dia? Sim, foi num chá com a senhora Stanton, naquella tarde da recepção das "Missionarias". A scena lembra-lhe bem viva — o amplo "lanai", as derramantes flores dos tropicos com suas cores espessas, os criados asiaticos pisando sem rumor, o murmurio tagarella das moças. E a pergunta da sra. Hodgkins, querendo noticias de amigas que deixara na ilha: "Que fim levou Susie Maydwell"? E a resposta: "Nunca mais a vimos. Casou com Willie Kupele". E como a sra. Behrends quizesse saber em que o casamento mudara a vida de Susie Maydwell": "Hapa haole", foi a explicação. "Elle é um mestiço".

Dorothy volta-se para seu pae, querendo uma certeza:

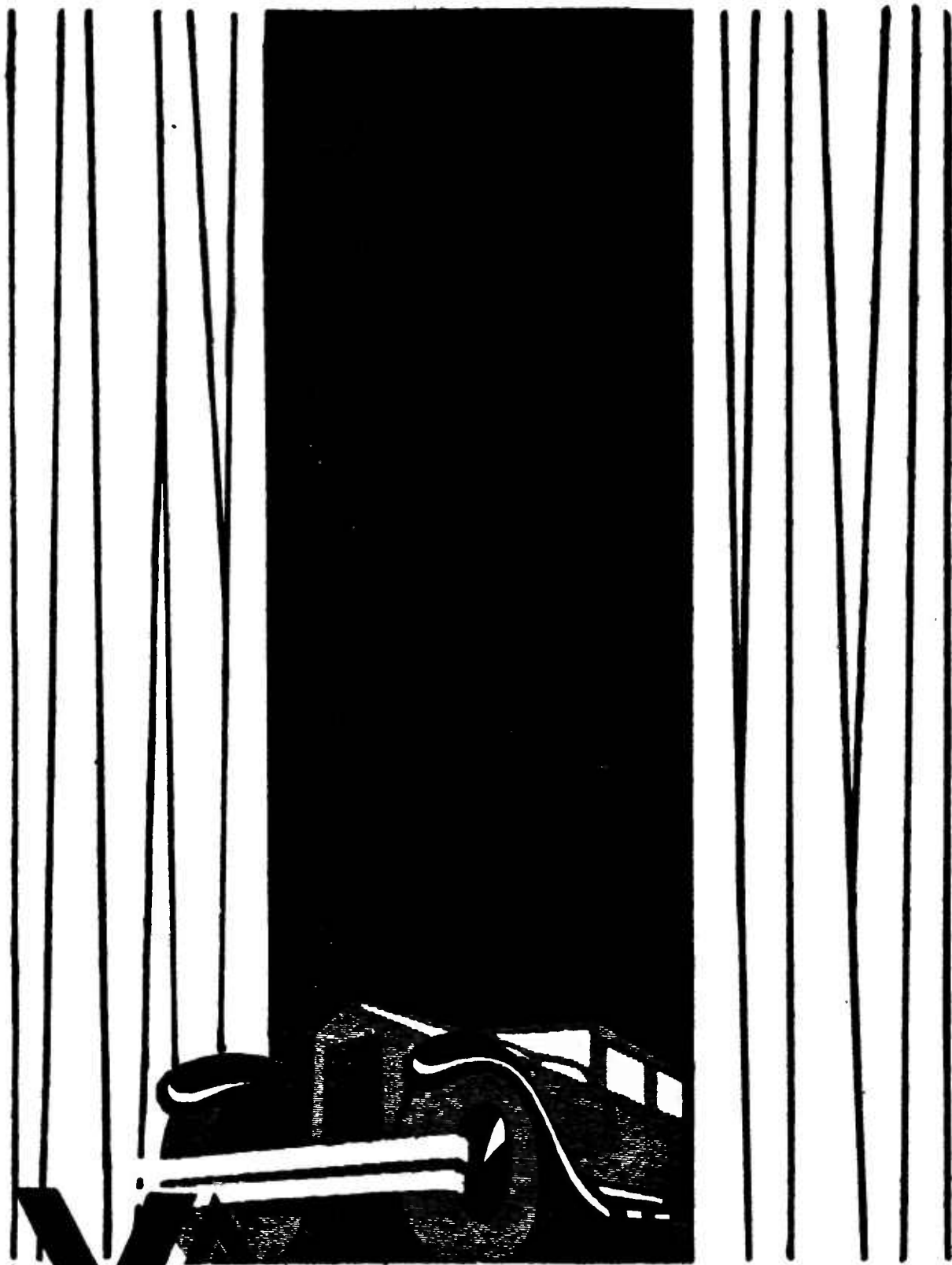
"Papae...Si Stephens vier aos Estados Unidos, poderá visitar-nos?"

"Quem?...Stephens?"

"Sim. Stephens Knight. O sr. conhece Agora mesmo despediu-se de nós".

"Não, minha filha", falou, secco, o senador. "Elle é um mestiço e você sabe o que isto quer dizer".

"Ora, papae...", gemeu Dorothy, varada de tristeza.

Stephens não é um mestiço, ella bem o sabe. Apenas uma quarta parte de sangue dos tropicos corre-lhe nas veias. Mas é quanto basta para fechar-lhe o casamento com uma branca. Mundo estranho, este! Alli está o sabio Cleghorn, que casou com uma princeza queimada, da linhagem de Kamehameha e que todos apreciam e festejam, até as mais exigentes damas das "Missionarias". Mesmo Stephens. Ninguem teve uma censura, sequer, porque elle a ensinou a andar de aquaplano, nem porque a levou, mão a mão, ao topo fumarento de Kalauea. Elle podia jantar com ella, ao lado de seu pae; podia dançar com ella;

V EXPOSICAO DE AUTOMOBILISMO

PROMOV. PELA

ASS. DE ESTRADAS DE RODAGEM

A BEMAVENTURADA

(Conclusão da pagina 27)

Saudades! Teve-as D. Placida? Por certo que sim: teve-as da sua infancia, da sua criação que cresceu, das suas flores, dos bons amigos ausentes e dos seus mortos. E as saudades vinham a D. Placida por meio das musicas e dos perfumes; quando, de olhos cerrados, tomava o cheiro aos cravos, ou cantarolava, de si para si, os cantares da sua infancia...

Para aquelles que perdeu na vida, não mandou fazer sepulturas ricas; entregou-os, confiadamente, á terra, porque entendia que levantar mausoleus era ter a vaidade de governar os mortos, quando ella queria ter a virtude de ser governada por elles. Inscreveu o nome do santo morto na lousa do seu coração e, de tempos em tempos, no recolhimento ignorado de uma romaria intima — ungida pelo seu sorriso — ia D. Placida levar-lhe a malva pallida de sua saudade...

.. Não temia Deus porque só teme quem guarda crimes e ella trazia basculhados os recantos d'alma; demais, Deus que a protegia, ensinou-lhe a virtude da fé sem olhos e sem mãos; Deus, — inquilino velho de seu coração — conhecia-lhe todos os compartimentos e nunca se importunou pelos outros moradores que, de boa mente, se lhe submettiam. D. Placida comprehendeu e concentrou, num atimo, toda a prolixa verdade que os fatuos prepararam e ria-se, no intimo, da incapacidade delles — disfarçada em fé — da sua confusão reduzida á obediencia inconsciente... Não comprehendia porque se manda abrir Deus para se lhe ver o coração sentido e não se percebe o que anda á mostra, na vida, e Elle nos ensinou e nos offereceu como compensação, como delicia. Não os bens do espirito que se destinam ao céo e são provações na terra, mas o que está na natureza e se consubstancia em nós: — Musica, aroma, cor, mel e arminho.. Não entendia D. Placida os livros, por isso só lia no breviario d'alma que dita, a cada hora, uma oração nova e entende e resolve os problemas que emaranham a intelligencia.

Ao lado da sua fé, das suas flores e da sua docilidade, D. Placida foi mãe consciente, sem transportes desvairados; mãe amor e desprendimento; mãe leite e vigilia; alma crystallisada no perdão, sorriso feito tolerancia e verdade desabrochando em exemplos. A sua obediencia, a sua calma e o seu silencio, fizeram-na a fonte da vida domestica, de onde jorravam perennes, o conforto, a paciencia a resignação. Mãe sem autoridade, fragil, discreta e temerosa que repartia, emtanto, com os seus — vigor, confiança e coragem.

D. Placida foi, no alphabeto da familia, e na opinião das letras que a rodeavam — uma consoante, porém, na opinião da vogal maxima, da vogal presumpçosa que responde pela harmonia dos sons — era tambem doce vogal — fazendo comsigo um diphtongo, na harmonia do amor e lhe garantindo ainda, na sua cordura, a primasia do accento...

...Para as almas penadas de desillusões; para os velhos e para os desesperançados; para os corações sentidos de amor, D. Placida tinha o balsamo que se chama "moderação" e o conselho que se traduz "cuidado!". E dizia:

— Vocês são mal succedidos em amor porque são descuidados: largam o coração á tôa e qualquer um que passa leva-o, pensando que não tem dono.

Para D. Placida, as calamidades não guardavam proporções: Tudo era egualmente temivel, quer ardesse uma floresta, ou a lagarta devorasse uma folha. Para que temer as inundações se o sereno tambem póde matar?... A vida se lhe afigurava uma cilada em que se cai pelo descuido. Para viver era preciso produzir, mas em silencio, imitando Deus que cria os mundos, enche-os de vida e de ruido; multiplica-lhe por milhões os seres, immutavelmente, no seu infinito silencio... Deus que trabalha sem ruido, paciente, vigilante, incansavel, sem gesticulações e de quem jamais se escuta a voz... Deus brandura, amor, perdão. Deus, D. Placida, capaz de trazer o céo á terra!

* * *

Foi um exemplo, foi o ensinamento de que se póde ter na vida aquillo que se deseja — a paz, o amor e a veneração. Soube falar aos surdos, deu alento aos tropegos, coragem aos timidos e morreu quando menos devia morrer. Mas não morreu de velha, nem de morte desastrada; nem de doença, nem matada; morreu pela necessidade de ser recompensada das suas virtudes... morreu para alcançar o reino dos céos e não ficar sosinha aqui no mundo..

* * *

E quando deixou a mansão dos seus labores e transpoz o limiar da bemaventurança, D. Placida quedou indecisa e timida ante a deslumbrante monotonia que se mostrava a seus olhos. Viu que a luz dos ares que a envolviam se transmudava de tempo a tempo, ora resplandecia em clarões cor de rosa, ora em clarões verdes e suaves que repousavam os olhos cansados de sol. Sentiu, no ar que respirava uma frescura de hervas e a maciez das petalas; baixou os olhos e viu, maravilhada, a magica phantastica que produzia a terra daquelle logar: ora se cobrindo — dalli até onde não ia a vista, — de cravos que desprendiam os clarões rosados; ora se arrelvando de malvas embalsamadas que punham nos ares sombras verdes e dansantes!

D. Placida permaneceu indecisa, sem saber por onde começar... Como andar por sobre aquelles cravos, como esmagar aos pés aquellas malvas? Não vendo nenhum caminho pensou em retroceder; volveu, então, os olhos, prescrutou o caminho percorrido e viu escuridão que a apavorou. Teve medo do silencio, dos cravos, das malvas, dos perfumes, dos clarões cambiantes e do desconhecido. Sentiu-se desfallecer e, quando julgou que a alma que trouxe da terra ia se diluir de todo no seu medo, ouviu uma voz muito amiga e muito hospitaleira que lhe disse:

— Por aqui; D. Placida, venha por aqui...

Ao mesmo tempo sentiu uma linda mão tocar a sua e conduzil-a, deslisando, por sobre as malvas, por sobre os cravos, por entre os magicos clarões — para infinitos jamais sonhados.

A. DE QUEIROZ

ser membro da commissão... Mas porque ha sangue dos tropicos nas suas veias, não pode, não deve casar-se com ella!

Nem este sangue pode ser suspeitado. Só sabendo, ouvindo contar. E como é bello! A lembrança delle surge-lhe no intimo. E antes que tenha noção disto, está revivendo o encanto de ver-lhe o corpo magnifico,os membros esplendidos, a força macia que tão de leve a punha no cavallo, que tão firme a levava no estouro das ondas ou que a amparava, carinhosa, pelas asperas encostas da Casa do Sol. Ha ainda, alguma coisa mais subtil e mysteriosa e tremenda que sentiu e que só agora começa a comprehender — a radiação do homem que é homem, masculinamente homem.

Toma accordo de si, com um sobresalto de vergonha, pelos pensamentos que pensou. Queima-lhe as faces um sangue rapido e quente, mas logo empallidece, toda branca, parada, lembrando que nunca mais, nunca mais o verá. Agora a prôa do navio corta as aguas de cheio. A terra fica e ella vae...

"Olhe Stephens alli...", mostra-lhe o pae. "Está chamando por nós".

Stephens, no caes, olha para cima, anciado. Vê no rosto della o que nunca viu. E pela alegria que lhe illumina a face, a moça conhece que elle sabe. O ar vibra com o canto —

"Meu amor vae comtigo
até quando nos encontrarmos..."

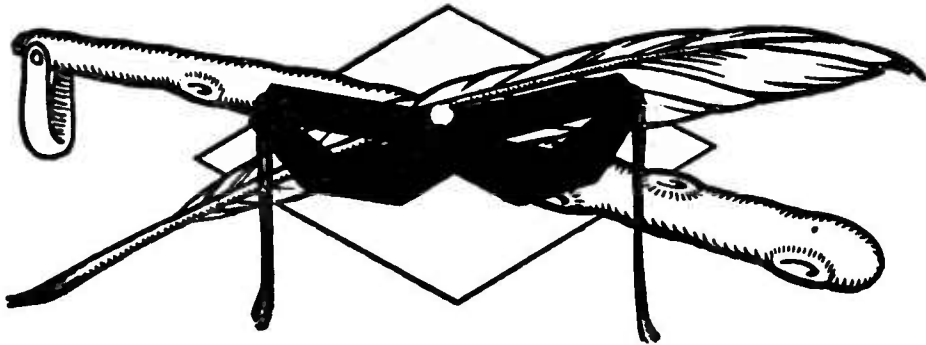
Não precisam dizer mais nada, um ao outro. Sabem, sabem agora... Em redor da moça, no convés, alguns passageiros tiram as guirlandas e jogam-nas para os amigos da terra. Stephens estende-lhe as mãos, supplicante. Ella quer tirar, tambem, sua guirlanda, mas as flores se embaraçam no fio de perolas que lhe envolve o collo.

Luta, nervosamente, anciadamente, procurando desprenderaas flores. O navio ganha impulso. a terra vae fugindo. E' o momento...Rompe em soluços, emquanto Jeremias Sambrooke começa a fital-a, attento e inquieto.

"Dorothy!", adverte, meio severo.

Afinal ella parte, brusca, o fio do collar. Num chuveiro de perolas caem as flores nos braços do namorado. Olha-o longamente, desesperadamente, enterrando o rosto, afinal, no largo peito de Jeremias Sambrooke, que esquece um momento suas estatisticas perdilectas para se maravilhar porque as meninas se tornam mulheres.

A multidão canta e soluça, ainda, e o canto vae se perdendo, saudoso, attenuado, com toda a languides luminosa de Hawaii. E as palavras cáem uma por uma no coração da moça, mordendo-o como gottas de acido, pela ironia que encerram:

"Aloha oe, aloha oe
e ke onaona no ho ika lipo..."
...um longo abraço,
um beijo immenso, até nos encontrarmos..."

.. O QUE BRUMMEL NÃO DISSE

Não gosto

Não gosto, não gosto. Não gosto daquelle teu gesto de levar o copo á bocca, quebrando o pulso no ar e espetando para o lado o dedo minimo meio arqueado. E' pretencioso e inutil.

Não gosto, tambem, do geito tão teu de esperares o bonde e virares para dentro os bicos dos pés. A posição normal, logica — elegante, portanto — é teres os bicos dos pés fugindo um pouco para fóra, emquanto os pollegares se viram um tudo nada para dentro.

Coisas simples, estas. Quasi bobas, até. Mas tanta gente, e tu com esta gente ,as esquece e desattende tão facilmente.

Cuida mais dos gestos da mão esquerda. Não faze della um simples acompanhamento da direita. A esta cabe, sem duvida, definir, affirmar. Mas á esquerda incumbe o papel de dar a meia-tinta, de fazer a suggestão fugidia. A's vezes, mesmo, deve tomar a parte de "canto" emquanto a outra repousa ou apenas sublinha.

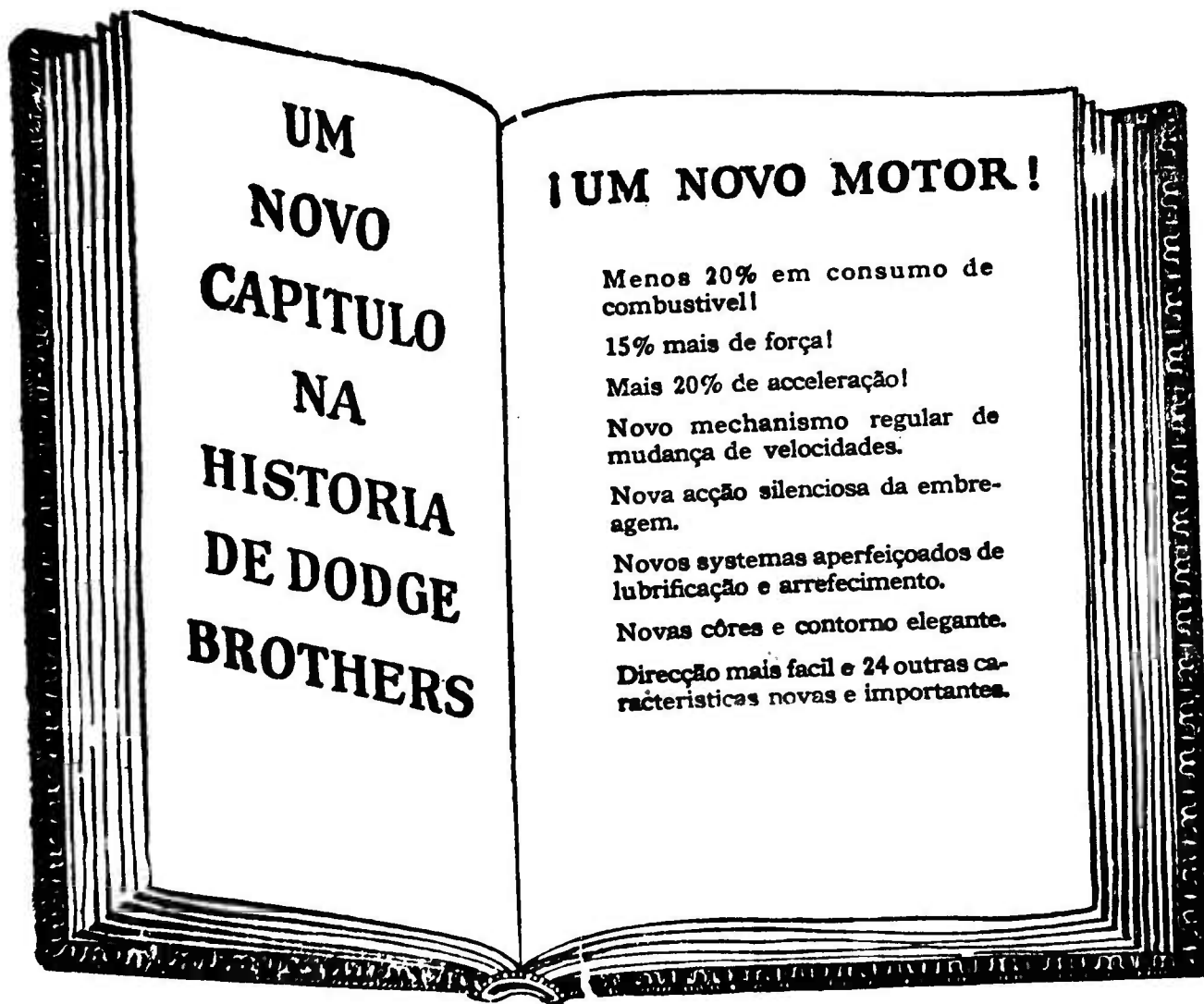
Outro dia um grande literato dizia, de uma grande declamadora, que ella possuia um verdadeiro olhar-prefacio. Ironica na apparencia, esta expressão significa uma verdade impressionante. E' que a criatura tem tal poder expressivo, que antes de falar, diz pelos olhos o que sente ou o que quer que sintamos. Faze com que teus olhos, tuas mãos, tua voz antecipem um pouco a affirmativa verbal.

Não pises, isto é, não calques. Procura deslisar, como fugindo pelo chão, alongando o pé numa obliqua, logo corrigida por outra obliqua. E que das duas resulte o movimento rasante, flexuoso e mordente de quem toma posse do chão onde pisa. Nem deites o queixo para frente, mas sim puxa-o para traz, como querendo encostal-o ao pescoço, o que dá uma linha de suggestiva verticalidade á nuca, valorisando o corte de cabello que nella tiveres feito fazer.

Evita nos teus cabellos as "praias", isto é as pennugens, os sombreados indistinctos. Busca, prepara o contraste da pelle e da implantação franca e basta. Que onde a tez acabe, logo comece a cabelleira, como floresta plantada de cheio numa planicie limpa. E' o effeito das "massas", o mais difficil, mas tambem o mais forte e simples de todos, porque se affirma de prompto. E é sempre o ultimo a ser esquecido.

Encosta, quanto possivel, os cotovellos ao busto. Conseguirás, então, os mais lindos movimentos de rotação do ante-braço e da mão, ao mesmo tempo que as ligações do hombro se arredondam numa curva bem cheia e macia. Inclina a cabeça um pouco, girando-a um tudo nada para a direita, e obterás os mais bellos planos de luz nos olhos e na testa.

Mahitê

4 -- CYLINDROS -- 4

EM EXPOSIÇÃO:

RUA BARAO DE ITAPETININGA, 39-41

ANTUNES DOS SANTOS & CIA.

VELOZ BELLO POTENTE

O BOM Oldsmobile

PRODUCTO DA GENERAL MOTORS

A' medida que se observa o bom Oldsmobile outros effeitos novos de belleza parecem delle surgir. Assim não seria de admirar que, por essas linhas modernas e esse colorido brilhante, conquistasse o bom Oldsmobile a admiração de quantos o vêm; porém, é principalmente pelo seu funccionamento que este carro ganha dia a dia novos enthusiastas entre os que ainda o não experimentaram, pois ninguem poderá dizer que conhece o bom Oldsmobile sem tel-o guiado uma vez.

Veloz, bello, potente, o bom Oldsmobile alarga o circulo de seus admiradores e vae subindo cada vez mais no conceito universal dos automobilistas.

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S.A.

CHEVROLET · PONTIAC · OLDSMOBILE · OAKLAND · BUICK · CADILLAC · CAMINHÕES GMC